

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
INSTITUTO DE LETRAS
DEPARTAMENTO DE LETRAS CLÁSSICAS E VERNÁCULAS

LIANA DEPIERI AMORIM

As Áfricas de Mia Couto: olhares e perspectivas.

PORTO ALEGRE

2012

LIANA DEPIERI AMORIM

As Áfricas de Mia Couto: olhares e perspectivas.

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas, do Instituto de Letras, da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, como parte dos requisitos para a obtenção do título de Licenciada em Letras.

Orientadora: Prof. Dra. Ana Lúcia Liberato Tettamanzy.

PORTO ALEGRE

2012

As Áfricas de Mia Couto: olhares e perspectivas.

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas, do Instituto de Letras, da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, como parte dos requisitos para a obtenção do título de Licenciada em Letras.

Orientadora: Prof. Dra. Ana Lúcia Liberato Tettamanzy.

Banca Examinadora:

**Profa. Dra. Ana Lúcia Liberato Tettamanzy – Orientadora – Professora
do Instituto de Letras da UFRGS**

Profa. Cristina Mielczarski dos Santos - UFRGS

Profa. Renata Ávila Troca - UFRGS

Agradeço a minhas queridas irmãs, em especial a Mariana, pelo apoio e compreensão, à minha querida mãe e à professora Ana Lúcia Liberato Tettamanzy, pela paciência e atenção.

RESUMO

Este trabalho tem o intuito de analisar a reconstrução da cultura africana no período pós-colonial, baseada nas ideias do escritor Mia Couto, contidas nos textos de opinião presentes nas obras *Pensatempos* e *E se Obama fosse africano? E outras interinvenções*, bem como no romance *Um rio chamado tempo, uma casa chamada terra*, partindo da perspectiva do autor em relação à concomitância da tradição com a modernidade. Para isso, realizo um mapeamento das ideias do autor a respeito da reconstrução da cultura africana após a independência, considerando o momento histórico enfrentado pelo continente e, em seguida, apresento a maneira que essas ideias são desenvolvidas em sua obra literária, tendo em vista, portanto, que a literatura nos ajuda a refletir sobre a realidade e que muitos escritores africanos se utilizam desta ferramenta para expor e pensar sobre os conflitos existentes em seu mundo. Essa reflexão que parte dos intelectuais retoma a noção de dignidade e respeito para com a cultura e a história, algo que foi esquecido pelos governos que tomaram o poder e continuaram a agir sob a lógica colonialista.

Palavras-chave: *Literatura africana, Mia Couto, Tradição e Modernidade, pós-colonialismo.*

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	7
2. BEM-VINDO À ÁFRICA	9
2.1. Breve Contexto Histórico.....	9
2.2. Mia Couto, um tradutor de universos	12
3. ORIGENS DA NEGAÇÃO DA TRADIÇÃO: O APAGAMENTO DA CULTURA	15
4. A ÁFRICA ENXERGA A ÁFRICA	19
4.1. O papel do mito e do Sagrado na cultura africana.....	19
4.2. Escrita e Oralidade.....	21
4.3. Tradição e Modernidade.....	23
4.3.1. Universo Urbano x Universo Rural	24
5. A ÁFRICA ENXERGA O MUNDO	26
5.1. Uma cobrança pelo exótico	27
6. O MUNDO ENXERGA A ÁFRICA	30
6.1. Preconceito Literário.....	30
7. A OBRA <i>UM RIO CHAMADO TEMPO, UMA CASA CHAMADA TERRA</i> COMO METÁFORA DA CONDIÇÃO CULTURAL AFRICANA	33
7.1. A representação do espaço.....	33
7.2. As cartas do ancião	35
7.3. O encontro da Tradição com a Modernidade.....	36
8. UM DIÁLOGO ENTRE AS CULTURAS BRASILEIRA E AFRICANA	39
9 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	43
REFERÊNCIAS	47

1 INTRODUÇÃO

Este trabalho foi pensado a partir da disciplina de Mitos Portugueses que, apesar de focar na construção cultural e histórica de Portugal, apresentou-me a Literatura Africana. Nessa ocasião, percebi que esta é muito rica, porém pouco estudada. Para isso, escolhi pesquisar a reconstrução da cultura africana no período pós-colonialista, baseada nas ideias e obras do escritor Mia Couto sobre a concomitância da tradição com a modernidade, utilizando Moçambique como foco principal. Elaborei a presente monografia com o intuito de instigar professores a incluírem a Literatura Africana de Língua Portuguesa nos currículos escolares, mostrando novas perspectivas sobre uma cultura que tanto nos influenciou. A proximidade existente entre Brasil e África é muito maior do que se imagina e acredito que incluir tal literatura na educação brasileira seja de suma importância.

Durante muito tempo, mitos e preconceitos de toda espécie esconderam do mundo a real história da África. As sociedades africanas passavam por sociedades que não podiam ter história. Apesar de importantes trabalhos efetuados desde as primeiras décadas deste século [século XX] por pioneiros como Leo Frobenius, Maurice Delafosse e Arturo Labriola, um grande número de especialistas não-africanos, ligados a certos postulados, sustentavam que essas sociedades não podiam ser objeto de um estudo científico, notadamente por falta de fontes e documentos escritos (M'BOW, 2010, p.XIX).

Os estudos sobre o passado africano sofreram com teorias racistas, principalmente a partir do tráfico negreiro e da colonização, já que os negros foram expostos a estereótipos raciais que geraram desprezo e incompreensão com relação aos povos estudados. A consequência disso foi que a historiografia acabou sendo influenciada por tais sentimentos e teorias, passando a utilizar as denominações “brancos” e “negros” para diferenciar europeus de africanos, ou seja, colonizadores e colonizados (M'BOW,2010, p.XX).

Mia Couto traz uma nova visão cultural e histórica do continente e aborda a questão da tradição e da modernidade em praticamente todas as suas obras. Quero analisar como ele enxerga essa cultura que ainda está em construção. Pretendo mapear as ideias do autor a respeito da reconstrução da cultura africana após a independência, partindo do momento histórico enfrentado pelo continente. A relevância deste trabalho se dá pela importância desta história que ainda sofre com estereótipos e com a pouca atenção que é dada à literatura produzida pelos escritores de língua portuguesa.

Parti, então, dos textos de opinião do autor Mia Couto, contidos nas obras *Pensatempos* e *Se Obama fosse africano e outras interinvenções*, identificando as suas ideias a respeito da construção da cultura, do confronto da convivência entre tradição e modernidade e das diferenças entre o meio urbano e o meio rural, que acabaram por formar duas culturas distintas dentro de um mesmo país, Moçambique. Este confronto é a base da sua literatura e, para isso, analisei sua obra *Um rio chamado tempo, uma casa chamada terra*¹, em convergência com as suas ideias expostas em seus textos de opinião. Parte da bibliografia utilizada foi encontrada na coleção História Geral da África, organizada pela UNESCO.

O trabalho possui a seguinte configuração: no segundo capítulo, apresento o continente a partir da sua história, traçando um panorama que vai do período colonial até o momento atual, fortemente marcado pelas lutas independentistas; em seguida, apresento o autor Mia Couto, que é o fio condutor deste estudo. No terceiro capítulo, abordo as questões históricas que levaram ao apagamento da cultura africana, mais especificamente ao aspecto ligado à tradição. Os próximos três capítulos estão organizados de acordo com as percepções, os olhares que o autor utilizado como base tem do seu continente. Muitas vezes ele vai falar de seu país, Moçambique, no entanto este serve de modelo para todo o continente e até para o restante do mundo que, de alguma forma, modificou-se com as políticas coloniais. O capítulo “A África enxerga a África” trata da visão dos próprios africanos, o que eles enxergam de si mesmos e das dificuldades de convívio entre a cultura tradicional e a cultura ocidentalizada, utilizando os universos urbano e rural como contraponto. Em “A África enxerga o mundo”, falo sobre as idealizações do outro, da postura de vítima que Mia Couto percebe em seu povo e da cobrança por uma cultura exótica. Por fim, em “O mundo enxerga a África”, trago as percepções a respeito da maneira como o autor encara o papel do seu continente no mundo, abordando a questão da dificuldade de enfrentar o preconceito para legitimar a literatura produzida nele. No capítulo sete, faço uma breve análise da obra *Um rio chamado tempo, uma casa chamada terra* (2003), apontando na literatura as ideias que Mia Couto expõe em seus textos de opinião. O capítulo oito traz um diálogo entre Brasil e África, ressaltando as influências e convergências culturais existentes entre as ex-colônias portuguesas, e, por fim, as considerações finais.

¹ As obras do autor Mia Couto utilizadas aqui terão as seguintes legendas, para facilitar a leitura e desenvolvimento do trabalho:

PT – *Pensatempos: Textos de opinião*. Lisboa: Caminhos, 3ª edição, 2005.

EOFA – *E se Obama fosse africano? e outras interinvenções*. Lisboa: Caminho, 2009.

URUC – *Um rio chamado tempo, uma casa chamada terra*. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

2 BEM-VINDO À ÁFRICA

Neste capítulo farei uma breve apresentação do continente africano, mais especificamente da África lusófona. Na primeira parte, traço um panorama histórico que parte do período colonial e segue pelo pós-colonialismo. Na segunda, apresento o autor Mia Couto, que serviu como base para a constituição das ideias e teorias contidas no presente trabalho.

2.1 Breve Contexto Histórico

A literatura africana está muito marcada pela história de luta da nação, que brutalmente foi desestruturada pela chegada dos europeus ao continente. Portugal, ao iniciar a dominação na África, percebeu suas riquezas naturais, mas encarou a cultura do povo como um obstáculo a ser confrontado. A política então aplicada foi a de exploração dos recursos naturais e apagamento da cultura, como forma de enfraquecimento da autonomia do povo.

O colonialismo português, mesmo utilizando métodos e objetivos semelhantes aos de outros colonizadores, diferia um pouco do sistema colonial inglês e francês. Portugal, a partir do século XVIII, principalmente, passou a depender economicamente da Inglaterra, quase como se fosse uma colônia inglesa, gerando uma situação que Boaventura de Sousa Santos chama de dupla colonização, visto que os países colonizados pelos portugueses também eram, de maneira indireta, colonizados pelos ingleses (SANTOS, 2008, p.228).

(...) a norma é dada pelo colonialismo britânico e é em relação a ele que se define o perfil do colonialismo português, enquanto colonialismo periférico, isto é, enquanto colonialismo subalterno em relação ao colonialismo hegemônico da Inglaterra (SANTOS, 2008, p.230).

A dependência portuguesa não ficou ligada somente ao campo político e econômico, a condição semiperiférica do país com relação à Europa influenciou nos aspectos sociais, nos saberes, nos sentimentos e nas ideologias de Portugal, fazendo de seu colonialismo o mais longo de todos os colonialismos europeus, em função da relativa falta de autonomia portuguesa, já que as colônias eram parte fundamental para a constituição do Estado português, levando a um prolongamento da política colonialista (SANTOS, 2008, p.231-232).

Outro traço que diferencia o colonialismo português ocorre na sua política de assimilação, em que o regime colonial oferecia vantagens sociais e culturais a uma nascente burguesia africana, levando a uma distinção entre os assimilados e o restante do povo. Para

ser considerado um assimilado, era necessário que se aprendesse a língua portuguesa e que se distanciasse dos costumes da tradição. Isso garantia aos africanos dessa possível burguesia empregos, direitos e responsabilidades que cabiam aos portugueses. No entanto, esse modelo não conseguiria englobar todos os africanos, mesmo que o povo inteiro aceitasse as condições do explorador, tal política permitia que somente 1% da população tivesse acesso à educação, saúde, enfim, aos direitos básicos do cidadão (DAVIDSON, 2010, p.817).

A política de assimilação fez crescer a distinção social, o racismo e a desigualdade entre africanos, assimilados ou não, e portugueses. Nas cidades, havia uma separação física entre africanos e europeus, bairros, hospitais e outros estabelecimentos eram separados para ambos. A sujeição do povo aos desígnios portugueses gerou um sentimento de inferioridade, imitar os costumes europeus passou a ser mais comum (AFIGBO, 2010, p.576). O sistema colonial legou aos africanos a perda de sua independência e de sua soberania, privando-os de liberdade e de participação política. Em entrevista realizada em 2005 com o escritor Mia Couto, há um relato sobre o sentimento e a condição dos africanos, no caso dos moçambicanos, a respeito do que realmente ocorria na época colonial.

Eu mesmo, privilegiado pela minha cor da pele, era tido como ‘um branco de segunda categoria’. Todos os dias me confrontava com a humilhação dos negros descalços e obrigados a sentarem-se no banco de trás dos autocarros, no banco de trás da Vida. Na minha casa vivíamos paredes-meias com o medo, perante a ameaça de prisão que pesava sobre o meu pai que era jornalista e nos ensinava a não baixar os olhos perante a injustiça. A independência nacional era para mim o final desse universo de injustiças.²

Após anos de exploração e esgotamento do sistema colonial, Portugal enfrentou um período político bastante difícil em sua história. Seu poderio já estava há muito comprometido, pois o país não conseguiu fazer um bom planejamento político ao longo do colonialismo, acabando nas mãos dos ingleses, o que causou um rombo em seus cofres. A Europa do século XX passou por regimes ditatoriais extensos e desgastantes e em Portugal não foi diferente, porém, em função da sua economia caótica, os danos eram cada vez mais profundos. Como tentativa de reerguer o país, o governo salazarista, que caracteriza a longa ditadura portuguesa, manteve suas colônias africanas até meados da década de 70 do século passado. Na verdade, o motivo para a manutenção do sistema colonial por parte de Portugal fundamentou-se no atraso econômico português. Para evitar a luta de classes gerada pela industrialização, Salazar

² Texto: Moçambique – 30 anos de Independência: no passado, o futuro era melhor?, pronunciado por Mia Couto em Conferência realizada em Deza Traverse /Suíça, em junho de 2005 e publicado na revista *Via Atlântica*, nº8, Dez/ 2005, p.191.

manteve a economia voltada para o campo. No entanto, isso era só uma fachada para disfarçar a dependência econômica portuguesa, visto que a maior parte de seu comércio e a fonte de matérias-primas estava diretamente ligada ao continente africano. Portugal, contudo, já estava enfrentando uma crise econômica, já que a administração das colônias gerava mais prejuízos do que lucros.

Malgrado o apoio maciço dos governos ocidentais, as guerras coloniais tornaram-se muito rapidamente um fardo demasiado pesado para Portugal. Por volta do fim dos anos 1960, elas absorviam cerca da metade do seu orçamento anual e, enquanto os elementos conservadores, o estado-maior do exército, assim como os dirigentes financeiros eram favoráveis ao prosseguimento da guerra, a opinião pública, por sua vez, perdera o entusiasmo (CHANAIWA, 2010, p.320).

Na década de 50, muitos movimentos independentistas começaram a se formar, principalmente com o intuito de estabelecer uma identidade forte e desvinculada da cultura europeia. A intenção era criar o conceito de uma cultura africana, com que todos pudessem se identificar. A literatura exerceu um papel fundamental para tal composição, visto que muitos escritores faziam parte dos grupos de libertação espalhados por vários países africanos.

Há também a fase nacional, a fase de luta, ou a fase revolucionária e nacionalista. Nesse estágio, 'o intelectual nativo, após ter-se entranhado com o povo e no povo, começa a inflamar o povo...Torna-se o despertador do povo' (FANON, 1990:179). Nesse estágio, realiza-se também o contato de um grande número de nativos com as realidades da opressão colonial, e tal fato contribui para uma democratização da conscientização e da expressão cultural e literária (BONNICI, 2000, p. 27- 28).

Com a Revolução dos Cravos, em 1974, que estabeleceu o fim da ditadura portuguesa, o sistema colonial enfraqueceu e possibilitou que as colônias africanas enfim conseguissem a sua tão sonhada independência. Após a terem conquistado, muitos países entraram em disputas civis violentíssimas, que agravaram a situação do povo e causaram ainda mais estragos na formação de nação e na construção de uma cultura sólida, pois muitos grupos étnicos e linguísticos passaram a disputar a hegemonia do poder. Um fator importantíssimo que fomentou as guerras civis foi a intervenção de potências econômicas estrangeiras, que passaram a financiar e apoiar as guerras africanas, permitindo que elas durassem um longo tempo.

A história de Moçambique está marcada por lutas desde o início dos movimentos independentistas. O país só foi tornar-se realmente livre nos anos de 1990, mas as guerras civis levaram ao enfraquecimento da economia e da possibilidade de crescimento econômico e cultural da população. O país conquistou sua independência em 1975, e o principal grupo de libertação era a FRELIMO – Frente de Libertação de Moçambique – em que Mia Couto

também atuou como militante. No entanto, após a independência, o escritor passou a ser um crítico ao movimento por não concordar com sua metodologia de governo que menosprezava a tradição e a cultura popular. Boaventura de Sousa Santos nos alerta para o período posterior à independência, abordando o fato de os novos Estados africanos terem utilizado a matriz ocidental como modelo de governo e de aceitarem as fronteiras impostas pelo colonialismo. Por esse motivo é que muitos movimentos separatistas surgiram, reivindicando o direito a identidades étnicas e religiosas que não encontravam espaço no Estado moderno, questionando as bases governamentais assumidas com a independência (SANTOS, 2008, p. 238).

As lutas pelo poder dificultaram o resgate da identidade, visto que a situação era de disputa por poder e dominação. É sobre isso que Mia Couto escreve nas obras aqui analisadas, o distanciamento da cultura pré-colonial era tanto que, mesmo estando livres da cultura europeia, os africanos continuaram a reproduzir o discurso de exploração e de opressão.

Se é verdade que, em um primeiro momento, o nacionalismo fortemente anticolonialista está voltado para a exclusão da elite local do poder a par da discriminação racial, o segundo, pós-independência, ganha outros contornos. Nas ex-colônias portuguesas da África – tomando como paradigma Angola e Moçambique – o poder econômico e coercitivo do Estado mascara e impede o florescimento de uma identidade territorial, política e cultural (TUTIKIAN, 2006, p. 20).

Isso demonstra a fraqueza da política colonial, que não desenvolveu a sociedade africana, mesmo utilizando o argumento de que esta era uma extensão da sociedade portuguesa. Enfim, o domínio colonial europeu foi uma imposição política, econômica, social e, principalmente, cultural, utilizando a cultura como apoio e para a consolidação das instituições representadas pelo sistema colonial (OPOKU, 2010, p.591).

2.2 Mia Couto, um tradutor de universos

Mia Couto nasceu no ano de 1955, na cidade de Beira, em Moçambique. Formado em Biologia, dedica-se a estudos de impacto ambiental, já trabalhou como jornalista e, hoje, é conhecido como um dos principais escritores africanos, ganhador de muitos prêmios literários por diferentes obras.

Temos aqui um país [Moçambique] que está a viver basicamente na oralidade. Noventa por cento existem na oralidade, moram na oralidade, pensam e amam nesse

universo. Aí eu funciono muito como tradutor. Tradutor não de línguas, mas desses universos...³

A obra de Mia Couto traz os flagelos do colonialismo e das guerras posteriores a esse período, utilizando essa história para refletir sobre a construção de seu país como uma nação em desenvolvimento. Seus textos abordam a relação moçambicana com o mundo, a relação entre povo e nação e, principalmente, a relação do povo com a tradição.

A relação com a morte, com os deuses, os nossos medos profundos. Não é uma coisa só literária, tem a ver com o espírito do lugar. A maneira como portugueses são marcados pelo catolicismo, digamos, mediterrânico; os brasileiros, por alguma área sincrética entre a herança africana e o catolicismo; e os africanos, que têm o peso brutal dos antepassados sobre si. Isso tem consequências fundamentais na literatura, na maneira de sentir o mundo, de pesar os sentimentos. Falamos com os mortos de maneira diferente e por isso escrevemos para os vivos de modo distinto, mesmo na mesma língua.⁴

O autor considera-se um ser de fronteira, que navega pelos diferentes momentos da história de seu país, enquanto vai construindo a sua própria história. Ao falar de sua cidade natal, Beira, ele também considera esse um espaço de fronteira, visto que o colonialismo chegou com o intuito de “civilizar”, tentando expulsar o seu povo e a sua cultura do local.

O meu país tem países diversos dentro, profundamente divididos entre universos culturais e sociais variados. Eu mesmo sou a prova desse cruzar de mundos e de tempos. Sou moçambicano, filho de portugueses, vivi o sistema colonial, combati pela independência, vivi mudanças radicais, do socialismo ao capitalismo, da revolução à guerra civil. Nasci num tempo de charneira, entre um mundo que nascia e outro que morria. Entre uma pátria que nunca houve e outra que está nascendo. Essa condição de um ser de fronteira marcou-me para sempre. As duas partes de mim exigiam um médium, um tradutor. A poesia veio em meu socorro para criar essa ponte entre dois mundos aparentemente distantes (EOFA, p. 123).

Para ele, era difícil expulsar a África de seu próprio território, e esse era o desejo real dos colonos. A Beira de Mia Couto estava condenada a ser um lugar de fronteira – entre o mar e o continente, entre a Europa e a África, entre o catolicismo e a religião dos antepassados (PT, p.150). Profissionalmente, o autor também considera-se um ser de fronteira, pois divide-se entre a biologia e a literatura. Na verdade ele não se divide, se complementa, e afirma não existir conflitos entre esses dois papéis que exerce, eles integram-se por serem dois saberes distintos, em que ciência e poesia se integram, ampliando o horizonte de conhecimentos do autor.

³ O seguinte trecho foi retirado de uma entrevista concedida pelo escritor Mia Couto, publicada na revista *Via Atlântica*, nº 8, Dez/ 2005, p. 208.

⁴ Trecho da entrevista de Mia Couto à revista *Língua Portuguesa*, nº 33, julho de 2008.

A biologia é para mim uma indisciplina científica, um modo de estar mais próximo das perguntas do que das respostas. Acredito na ciência mas apenas como um dos caminhos. Sei que há outros. E assim como a ciência se foi, às vezes, tornando muito pouco científica, também as outras sabedorias foram ganhando terreno na minha relação com o mundo (PT, p.113).

O papel do escritor consiste em falar a verdade, mas uma verdade através da literatura, que configura em outra forma de enxergar o mundo. Este exerce um papel social muito importante, mas afirma que, para conseguir atingir seus objetivos, deve despir-se de qualquer preconceito para perceber a realidade que deseja retratar. Um escritor é um viajante de identidades, uma criatura de fronteira, alguém que vive junto à janela, essa janela que se abre para os territórios da interioridade (PT, p.59).

Mia Couto diz ser um tradutor de universos, visto que transita por eles, resgatando suas histórias e seus saberes. Sua literatura deixa transparecer o respeito e a admiração por estes universos, mostrando que tradição e modernidade não precisam ser excludentes, e que a história de seu continente ainda não foi devidamente contada.

3 ORIGENS DA NEGAÇÃO DA TRADIÇÃO: O APAGAMENTO DA CULTURA.

O pensamento Ocidental que dominou a Europa durante o período das grandes navegações era baseado na ciência e na verdade una, acreditava-se que a ciência poria fim à miséria humana. Contudo, havia a necessidade de combater o mito, ou seja, o pensamento científico não poderia conviver com a tradição, pois esta concomitância acarretaria em um problema de cunho racional: os mitos que entrassem em conflito com os fatos já comprovados deveriam ser descartados, a fim de evitar contradições que colocassem em risco o valor da razão científica, que era o único caminho para se chegar à verdade (ARMSTRONG, 2005, p.105). Era necessário que se fizesse uma escolha entre estes dois caminhos, não sendo possível uma solução que agregasse as duas formas de pensamento. A oposição entre mitologia e ciência racional já estava concretizada, a verdade precisava ser reduzida ao que era demonstrado e demonstrável, fazendo da comprovação científica de um mito algo que o tornasse praticamente inacreditável (ARMSTRONG, 2005, p.111). O processo de modernização europeu resultou em profundas mudanças sociais – a industrialização, a agricultura e o Iluminismo – levando a uma reorganização social em que o mito era visto como inútil, falso e ultrapassado (ARMSTRONG, 2005, p. 102).

(...) um dos grandes atrativos do cristianismo residia nos importantes esforços por ele empreendidos na implementação de medidas progressistas e no encorajamento dos seus fiéis a ultrapassarem os limites da sociedade tradicional e alcançarem um mundo em vias de modernização, transição considerada um dos principais objetivos da colonização, mas em nada promovida e preparada pelas políticas coloniais postas em prática (TSHIBANGU, 2010, p. 613).

Segundo os estudos pós-coloniais, as estratégias utilizadas pelos colonizadores para dominar outros povos eram sempre voltadas para o apagamento da cultura existente, visto que somente destruindo a identidade de um povo consegue-se abalar realmente a estrutura nacional, por isso o fator cultural ainda é tão discutido. O sistema imperialista levou ao aniquilamento da cultura nativa (BONNICI, 2000, p.36) e a dominação colonial baseou-se no convencimento dos nativos sobre a escuridão cultural que dominava o povo antes da chegada dos europeus, mostrando que o colonialismo estava lá para dar luz e esclarecê-los a respeito da única cultura existente: a europeia (BONNICI, 2000, p.28). A história africana foi escrita a partir desta perspectiva, em que percebemos claramente a visão eurocêntrica inserida. Os manuais e os estudos que hoje estão disponíveis sobre o assunto ainda tratam esta história de maneira racializada, desconsiderando a história anterior à chegada dos europeus ao continente. Muito

do valor da tradição oral africana fora desconsiderado no momento em que a história africana foi escrita. Todas as fontes utilizadas eram externas, oferecendo uma visão distorcida, focando não na real cultura e história da África, mas naquilo que se pensava e desejava que fosse a história africana (M'BOW, 2010, p. XIX-XX).

Outro problema retratado por Mia Couto está relacionado ao fato de o mundo enxergar a África como um bloco único, desconsiderando suas diferenças. Reduzir a lógica africana ao pensamento ocidental é bastante difícil, visto que a própria cultura, principalmente nos aspectos religiosos, possui momentos contraditórios. O autor analisa a cultura africana como uma rede multicultural em contínua construção (COUTO, 2005) em que os que pensam sobre a África simplificam esta cultura em nome de uma definição de “africanidade”.

Os outros necessitam conhecer-nos. Porque até aqui ‘eles’ conhecem uma miragem. O nosso retrato – retrato feito pelos ‘outros’ - foi produzido pela sedimentação de estereótipos. Pior do que a ignorância é essa presunção de saber. O que se globalizou foi, antes de mais, essa ignorância disfarçada de arrogância. Não é o rosto mas a máscara que se veicula como retrato (PT, p. 155).

Mia Couto critica a forma como o mundo percebe seu continente, visto que ainda o tratam como inferior. Negam o direito à modernidade, os “outros”, quando olham para a África, desejam ver o que os antigos navegadores pensavam ver, já que estes também desconsideraram a cultura ali existente.

Numa conferência em que este ano participei na Europa, alguém me perguntou: o que é, para si, ser africano? E lhe perguntei, de volta: E para si, o que é ser europeu? Ele não sabia responder. Também ninguém sabe exatamente o que é africanidade. Neste domínio há muita bugiganga, muito folclore. Há alguns que dizem que o ‘tipicamente africano’ é aquele ou aquilo que tem um peso espiritual maior. Ouvi alguém dizer que nós, africanos, somos diferentes dos outros porque damos muito valor à nossa cultura (PT, p. 18).

Pensar em cultura africana ainda é pensar na tradição religiosa e mítica. No entanto, sua história mostra uma cultura bem desenvolvida e estruturada em ensinamentos que eram passados de geração para geração, como afirma Mary Del Priore:

A educação ocupava uma parte importante da vida urbana. Cada aspecto da vida cotidiana permitia uma forma de aprendizado. A formação da juventude seguia um programa preciso e velava sobre a aquisição de virtudes morais, habilidades manuais, técnicas e guerreiras, atividades artesanais, comerciais e místicas. Esse aprendizado também incluía o desenvolvimento corporal, a sociabilidade, a obediência à ordem, o respeito à parentela, laços de sangue e autoridade. A educação se fazia também quer oralmente (contos, mitos e lendas) ou pelo exemplo, mesmo que algumas populações conhecessem e praticassem a escrita. O objetivo era perpetuar a memória coletiva, fazendo com que a identidade étnica fosse perpetuada (DEL PRIORE, 2004, p. 20-21).

A educação fazia parte da cultura, só que era muito mais voltada para os ensinamentos ligados à tradição. Não baseavam seus conhecimentos na escrita, mas sim repassavam de geração para geração através da oralidade e isso causou muita estranheza aos ocidentais e muçulmanos que entraram em contato com essa cultura.

A desvalorização da oralidade ocorreu, ainda, pela valorização do pensamento científico, ou seja, o saber só pode ser considerado de valor e verdadeiro se estiver apoiado na escrita. Logo, qualquer outro conhecimento inserido na oralidade é visto como menor. Essa influência ocidental causou muitos prejuízos à cultura tradicional, pois junto vieram o preconceito e o sentimento de inferioridade. As elites africanas, ao tomarem o poder após a independência, viram este conhecimento tradicional como o causador deste sentimento frente às outras culturas e desenvolveram seus governos com os olhos no pensamento científico ocidental.

Um dos principais fatores culturais que marcou o período pós-independência foi o fato de os novos governantes africanos tentarem esconder suas raízes, sua ancestralidade voltada para a tradição, pois eles achavam que a África só tinha sido dominada porque era inferior à cultura europeia, ou seja, continuaram a reproduzir o discurso do colonizador, baseado na dominação e na opressão. O discurso de Mia Couto, muito forte quando retoma a situação política de seu país, alerta para os perigos do poder. Jane Tutikian nos diz o seguinte: “e é esse o alerta de Mia Couto, novas formas de dominação vêm surgindo entre os povos, onde novos colonizadores não são mais os europeus, mas os tipos oriundos da própria terra, provocando, com isso, o surgimento de novas formas de imperialismo”. (TUTIKIAN, 2006, p. 88).

O colonialismo não morreu com as independências. Mudou de turno e de executores. O actual colonialismo dispensa colonos e tornou-se indígena nos nossos territórios. Não só se naturalizou como passou a ser co-gerido numa parceira entre ex-colonizadores e ex-colonizados (PT, p.11).

O pensamento colonial, aliado à crença de inferioridade da cultura africana, gerou uma crise religiosa e cultural em África. Vergonha de si e idealização do outro foram sentimentos que brotaram desse quadro hostil ao continente. O pensamento científico, que levou ao apagamento da oralidade e da tradição, também foi fundamental para a crise identitária africana.

A conquista militar e o estabelecimento da administração colonial, por exemplo, não só desafiaram e venceram os velhos dirigentes políticos e senhores da guerra, mas também os detentores de poderes religiosos e mágicos, que participaram igualmente da resistência. Foi desse modo que a derrota diante das potências coloniais pôde perfeitamente levar à perda de confiança nos sacerdotes e deuses tradicionais, e à

decisão de abraçar a fé dos vencedores, considerada superior (AFIGBO, 2010, p. 572-573).

O cristianismo cooperou muito para que a religião africana entrasse em colapso, combatendo seus deuses e crenças tradicionais. As terras que antes eram reservadas aos deuses foram utilizadas para a lavoura e construção de instituições coloniais. Os jovens passaram a frequentar as escolas católicas, que ofereciam uma educação voltada para o comércio e para o trabalho na administração colonial. Como tais empregos estavam nas cidades, o êxodo de jovens para a zona urbana cresceu, fazendo com que muitos destes se convertessem ao cristianismo e, mesmo aqueles que não se convertiam, com o afastamento dos lugares de cultos e dos ritos religiosos da família, afastavam o jovem da tradição (AFIGBO, 2010. P. 573).

Os missionários, com o intuito de desintegrar a cultura africana, abominavam toda forma cultural que pudesse ser considerada pagã, como os rituais tradicionais de morte, de iniciação e as crenças em seres sobrenaturais, negando tudo que constituía a religião tradicional. Mesmo com a dominação colonial e com o cristianismo, a religião islâmica possuía muitos adeptos, visto que esta aceitava melhor as tradições e o conceito de coletivismo das religiões africanas. Apesar da influência islâmica, de maneira geral, o cristianismo foi determinante para a inclusão do pensamento ocidental em África, já que as missões penetravam nos territórios e realmente mantinham o contato com o nativo, ou seja, a religião complementou o avanço do imperialismo europeu (OPOKU, 2010, p. 611).

A imposição do domínio colonial na África, a partir de 1885, conduziu à difusão da influência europeia até o âmago do continente, enquanto antes ela se concentrava ao longo da costa. Toda a intervenção europeia, durante o período colonial, fundamentava-se no postulado de que, para implantar o progresso, era preciso transformar ou mesmo destruir por completo a cultura africana. E, como a cultura africana estava intimamente ligada à religião, é fácil perceber que a política colonial europeia podia chocar-se violentamente com os princípios da religião tradicional, que constituíam as próprias bases da sociedade africana. Desde o início, a religião tradicional viu-se submetida ao desafio da sobrevivência e da necessidade de se fortalecer (OPOKU, 2010, p. 597).

Logo, os fatores que levaram ao apagamento da cultura como o imperialismo colonial, a expansão do cristianismo, refletiram no nascimento do sentimento de inferioridade por parte dos africanos, configurando em um novo momento cultural para o continente. Este novo olhar influenciou, e ainda influencia, a configuração de novas perspectivas para a construção do futuro africano.

4 A ÁFRICA ENXERGA A ÁFRICA

Aos olhos de Mia Couto, a África enfrenta problemas que não são somente do campo econômico, a pior pobreza de seu continente é a ideia de ter sua cultura como inferior à ocidental, perdendo o elo com sua tradição e com seus antepassados. Ele acredita que um dos fatores que mais atrapalham essa libertação consiste no fato de sentirem-se vítimas, que necessitam de ajuda e que não conseguem perdoar os “outros” pelo que aconteceu no passado. Esse passado ainda está muito presente na vida do continente, causando atrasos culturais e econômicos.

Outro fator que impede o desenvolvimento do continente é a crença de que a mistura cultural deve ser combatida. Muitos buscam uma cultura “pura”, com o intuito de resgatar aquele elo perdido com seus antepassados. Mas essa pode ser uma falsa tradição, pois Mia Couto acredita que a mestiçagem foi o fator que mais gerou riqueza ao povo africano, em termos culturais. Renegar esse aspecto é, para o autor, continuar com o mesmo pensamento do colonizador, que desejava apagar a cultura ali existente para disseminar a sua própria cultura que era considerada superior.

Estamos perante uma estratégia de fabricação da ‘tradição’ (daquilo que é construído como sendo a tradição) como a única representação genuína e verdadeira da cultura nacional. Ao eleger a ‘tradição’ como única medida da nossa identidade está-se a fazer exactamente aquilo que é o alerta deste acontecimento: está-se a matar a cultura (EOFA, p. 173).

No entanto, tal movimento de busca pela tradição ocorre somente nas cidades, no espaço urbano, que foi o local em que a elite africana entrou em contato com a cultura ocidental e, a partir dela, passou a desenvolver o pensamento de repúdio ao que estava relacionado com sua tradição. Já o meio rural não foi tão suscetível a esse pensamento quanto o meio urbano, pelo contrário, eles estão bem mais próximos da tradição africana do que do mundo ocidentalizado africano. Suas raízes se mantiveram, porém, a pobreza ali continuou e são vistos como um atraso social, viver no campo já não é o desejo dos africanos, principalmente dos jovens.

4.1 O papel do mito e do Sagrado na cultura africana

A religião tradicional representava, e ainda representa, não uma crença, mas um modo de viver, partilhando de uma visão de mundo bastante particular em que o sobrenatural, a

compreensão da natureza e de Deus e o papel do homem dentro do universo movem as ações e as ideologias do povo. Os espíritos possuem um lugar de destaque, os ancestrais são sempre tratados com respeito e distinção. Cada religião - visto que em África não existe uma única, mas várias culturas e religiões – tem sua especificidade, no entanto elas compartilham destes conceitos em que a ancestralidade e a crença em vários deuses têm valor definitivo para seus conceitos e ações. O conceito de morte, por exemplo, difere muito do conceito cristão, pois existe uma continuidade, isto é, mortos e vivos compõem o mesmo ambiente.

A concepção geral do homem era que o ser humano compõe-se de substância material e de substância imaterial. A parte imaterial (a alma) sobrevive à morte e a parte material (o corpo) se desintegra. A morte, portanto, não significa o fim da vida: é antes a continuidade e a extensão da vida. Os mortos permanecem membros da sociedade e se acredita que exista, ao lado da comunidade dos vivos, uma comunidade dos mortos. Entre ambas ocorre uma relação simbiótica. A sociedade humana, portanto, é uma família unida, composta pelos mortos, pelos vivos e por aqueles que ainda não nasceram (OPOKU, 2010, p. 592).

A sociedade, desta maneira, estava fundamentada no coletivo, em que cada um deveria passar por todos os ciclos (nascimento, casamento, procriação, morte e vida pós-morte) e estes possuíam seu ritual para facilitar a passagem de uma etapa à outra, garantindo a harmonia e a continuidade das relações familiares e coletivas. A importância dos rituais mostra que a religião possui ainda um outro tempo, que não é linear como o ocidental, mas circular, e estes garantem essa circularidade temporal.

Os africanos empregavam a religião como arma para resistir ao domínio colonial e à ameaça que ele representava para seus valores. Muitas vezes, recorriam à magia, à intervenção dos antepassados e de seus deuses para combater a opressão colonial (OPOKU, 2010, p. 598).

Mia Couto, como nos diz Jane Tutikian, “retoma a consciência mítica, buscando recuperar certos valores autóctones de raízes específicas, capazes de clarificar a consciência ou identidade nacional” (TUTIKIAN, 2006), partindo do mito para denunciar as injustiças ocorridas em seu país.

O passado é sagrado porque é moradia dos mortos. Para se ter acesso a esse respeitoso átrio é necessário um mito fundador partilhado em consenso. Falta-nos essa password comum que nos devolva o tempo e, ao mesmo tempo, nos liberte do remorso e da necessidade de perdoarmos e sermos perdoados (EOFA, p. 205).

O conceito de mito a ser utilizado neste trabalho será o de “relato de um acontecimento ocorrido no tempo primordial, mediante a intervenção de entes sobrenaturais”, sendo sempre uma representação coletiva (BRANDÃO, 1986, p.35). O mito, conforme Mircea Eliade, fornece modelos de conduta humana, dando significação e valor à sua existência. Nas

sociedades arcaicas, ele é visto como uma verdade e não com o valor semântico que hoje damos a ele, de lenda ou invenção (ELIADE, 1986, p.7-8).

(...) a principal função do mito consiste em revelar os modelos exemplares de todos os ritos e atividades humanas significativas: tanto a alimentação ou o casamento, quanto o trabalho, a educação, a arte ou a sabedoria. Essa concepção não é destituída de importância para a compreensão do homem das sociedades arcaicas e tradicionais (ELIADE, 1986, p.13).

Os mitos oferecem uma explicação do mundo e, conhecê-los é de suma importância, por isso os rituais fazem parte da vida dos homens que acreditam na ancestralidade, fazendo-os reviver, repetir o que seus ancestrais fizeram no tempo passado. O ritual dá o caráter cíclico do tempo, pois há uma repetição nas ações passadas, fazendo do tempo algo sagrado, quem participa de uma cerimônia passa a ser contemporâneo de seus ancestrais, dando o caráter ao tempo de recuperável (ELIADE, 1986, p.21).

Ao contrário do que se imagina, os mitos não eram conhecidos por todos, necessitava-se que fizessem rituais de iniciação, visto que muitos daqueles eram secretos. Eliade acrescenta, ainda, que o rito não pode ser realizado sem o mito, pois somente quem o conhece é que pode realizá-lo da maneira como ele foi feito pela primeira vez pelos ancestrais (ELIADE, 1986, p.20). O rito, portanto, é a ação, ele ritualiza o mito, abolindo o tempo profano e recuperando o tempo sagrado (BRANDÃO, 1986, p.40).

Vemos, portanto, que a 'história' narrada pelo mito constitui um 'conhecimento' de ordem esotérica, não apenas por ser secreto e transmitido no curso de uma iniciação, mas também porque esse 'conhecimento' é acompanhado de um poder mágico-religioso (ELIADE, 1986, p. 18).

4.2. Escrita e Oralidade

Falar de tradição africana é falar em oralidade, a história do continente está nas raízes deste conhecimento que pode ser considerado como uma das suas maiores heranças. A oralidade engloba o espiritual e o material de maneira conjunta. Suas temáticas dizem respeito a vários assuntos como religião, conhecimento, ciência natural, arte, história, sempre buscando resgatar os preceitos ancestrais (BÂ, 2010, p.169). A fala é considerada como um dom de Deus, divina e sagrada, a Palavra tem o poder de criar paz, assim como pode levar à destruição, configurando o principal instrumento de magia africana (BÂ, 2010, p.173).

De maneira geral, os tradicionalistas⁵ foram postos de parte, senão perseguidos, pelo poder colonial que, naturalmente, procurava extirpar as tradições locais a fim de implantar suas próprias ideias (...). Por essa razão, a iniciação geralmente buscava refúgio na mata e deixava as grandes cidades (BÂ, 2010, p. 176).

A maneira como eles organizam os ensinamentos ocorre de acordo com as circunstâncias, pois a lição ocorre sempre de acordo com a ocasião, para que a criança memorize melhor a mensagem (BÂ, 2010, p. 183). O homem africano internaliza seu ofício ou atividade tradicional e essa constitui a maior distinção entre a educação moderna e a tradição oral, o que se aprende naquela nem sempre é vivido, enquanto o que se adquire desta penetra a totalidade do ser (BÂ, 2010, p. 189).

O africano da savana tinha o hábito de viajar, entrando em contato com outros conhecimentos e fazendo circular os seus. É por esse motivo que a memória histórica coletiva africana se espalhou por todo o continente. Este viajante descobriu e viveu outras culturas, fazendo com que sua compreensão de mundo se ampliasse. Cada local que visita participa dos rituais tradicionais ou, pelo menos, ouve e acompanha os relatos, disseminando seus novos conhecimentos aos outros de sua comunidade (BÂ, 2010, p. 202). Contudo, com a iniciação fugindo das cidades, os idosos encontravam cada vez menos ouvintes, levando a uma perda dessa herança oral. Na África eles consideram a morte de um ancião uma perda irreparável para cultura africana.

Outra característica da tradição oral é o fato de as narrativas serem contadas sempre no tempo presente, os ouvintes acabam acompanhando a história e, ao mesmo tempo, revivendo-a. A memória africana, bastante desenvolvida, permite que eles contem, perpetuem sua herança, como um filme, sem deixar detalhes para trás, constituindo o contador de histórias (BÂ, 2010, p.208).

A tradição oral influencia a literatura produzida nos países africanos colonizados por Portugal, como é o caso de Moçambique. Ana Mafalda Leite diz que “a oralidade é também uma atitude perante a realidade e não a ausência de uma habilidade [a escrita], e a fronteira que separa a literatura da oralidade não é assim tão nítida” (LEITE, 1998, p.16). As culturas ocidentais encaravam a oralidade como sendo parte da infância de uma cultura, encarando-a como uma aspecto que denota um caráter primitivo (LEITE, 1998, p.19).

Não será pois por acaso, que o fenômeno literário da obra de Luandino Vieira surgiu no contexto angolano, ou, mais recentemente, na literatura pós-colonial, o de Mia Couto no contexto moçambicano. Modelação da língua, instrumento

⁵ A tradição oral deixa como herança a palavra dos idosos e dos ancestrais, e os grandes possuidores desta herança eram chamados de “tradicionalistas” (BÂ, 2010, p. 174).

privilegiado da contaminação, mestiçagem e entrosamento das culturas, orais e escritas. (LEITE, 1998, p. 32).

Bâ (2010) considera que o maior problema hoje para a tradição oral africana é que seus governantes compõem uma minoria intelectual que não compreende mais a África, governando através de princípios que não convergem com a realidade, influenciada pelo pensamento ocidental. A população não compreende suas leis, ou seja, não há um diálogo entre as culturas, permitindo que distorções e preconceitos dominem os políticos que encontram-se no poder.

4.3 Tradição e Modernidade

Mia Couto, em muitos momentos de suas obras, afirma não ver a verdade somente no pensamento científico. Para ele, a ciência é somente uma das formas de saber que pode agregar-se a outras fontes, como a oralidade. Desconsiderar os outros conhecimentos diminui a cultura e dogmatiza uma única forma de saber, causando exclusões e preconceitos que se espalham e criam oposições entre caminhos que podem se cruzar.

Sou biólogo e viajo muito pela savana do meu país. Nessas regiões encontro gente que não sabe ler livros. Mas que sabe ler o seu mundo. Nesse universo de outros saberes, sou eu o analfabeto. Não sei ler sinais da terra, das árvores e dos bichos. Não sei ler nuvens, nem o prenúncio das chuvas. Não sei falar com os mortos, perdi o contacto com os antepassados que nos concedem o sentido da eternidade. Nessas visitas que faço à savana, vou aprendendo sensibilidades que me ajudam a sair de mim e a afastar-me das minhas certezas. Nesse território, eu não tenho apenas sonhos. Eu sou sonhável (EOFA p. 17).

Mia Couto encontra na biologia outra linguagem, uma fonte alternativa de conhecimento de mundo e é nesse campo de atuação que ele percebe os saberes, aliando a tradição, que possui uma filosofia totalmente distinta, ao conhecimento científico.

Boaventura de Sousa Santos traz em seu artigo⁶ os paradigmas científicos e suas mudanças ao longo do tempo, questionando o valor da ciência e de sua aplicabilidade. A ciência transformou-se em algo que exclui e não em algo que possa, de alguma forma, melhorar a vida das pessoas. Claro que se pensarmos em avanços tecnológicos a vida das pessoas, de forma geral, melhorou, mas o que o autor questiona é o fato de este conhecimento estar tão dogmatizado e elitizado que já não atinge mais as pessoas comuns, e gera, ainda, um preconceito para com os conhecimentos ditos vulgares, populares.

⁶ “Um discurso sobre as Ciências na transição para uma ciência pós-moderna”.

Essa nova visão do mundo e da vida reconduz-se a duas distinções fundamentais, entre conhecimento científico e conhecimento do senso comum, por um lado, e entre natureza e pessoa humana, por outro. Ao contrário da ciência aristotélica, a ciência moderna desconfia sistematicamente das evidências da nossa experiência imediata. Tais evidências, que estão na base do conhecimento vulgar, são ilusórias (SANTOS,1988, p.49).

Assim como Mia Couto aborda a importância do conhecimento baseado na tradição, Boaventura fala de uma mudança neste paradigma científico, em que religião, arte e poesia começam, aos poucos, a não serem mais vistos como saberes vulgares e sem utilidade, mostrando que hoje se deve levar em conta experiências e conhecimentos mais antigos, aqueles que principalmente estão ligados à tradição.

Com a perda de autonomia devido ao colonialismo, a religião tradicional africana foi relacionada, no espírito de grande número de africanos, a uma África do fracasso e subjugada. Muitos proclamaram então a sua adesão ao cristianismo ou ao islã, símbolos para eles, da evolução, do progresso e do porvir, sem necessariamente abandonar a antiga cosmologia ou as suas crenças religiosas profundas. A educação ocidental, em grande parte patrocinada pelas missões cristãs, tornou-se, simultaneamente para os africanos, um meio de satisfazer a sua aspiração pela aquisição de novos conhecimentos e da tecnologia europeia, bem como o instrumento que separou-os da sua cultura tradicional (TSHIBANGU, 2010, p.606-607).

4.3.1 *Universo Urbano x Universo Rural*

A concepção relacional da identidade, inscrita no provérbio: ‘eu sou os outros’; a ideia de que a felicidade se alcança não por domínio mas por harmonias; a ideia de um tempo circular; o sentimento de gerir o mundo em diálogo com os mortos: todos estes conceitos constam da rica cosmogonia rural africana (EOFA, p.109).

A zona rural é ainda considerada atrasada, pois nela permanece a essência da cultura africana. Esse local, visto como estanque, não parou no tempo, tal zona já entrou em contato com a modernidade, principalmente com a tecnologia que melhora a situação agrícola. Para Mia Couto, “a oposição entre tradicional – visto como o lado puro e não contaminado da cultura africana – e o moderno é uma falsa contradição. Porque o imaginário rural é também produto de trocas entre mundos culturais diferentes” (PT, p. 60-61). Esse local é um exemplo da possibilidade do convívio entre tradição e modernidade.

Os jovens africanos não estão reconhecendo seus antepassados como uma herança. As zonas rurais de Moçambique, por exemplo, são vistas por eles como outra nação. Mia fala da vergonha que essa herança tem gerado a eles, mais especificamente aos moçambicanos, esses jovens estão se reconhecendo muito mais na cultura ocidental, influenciada pela cultura norte-americana, do que com seus antepassados que viviam nas zonas rurais do país.

Aquelas zonas rurais eram, afinal, o espaço onde viveram os seus avós, e todos os seus antepassados. Mas eles não se reconheciam como herdeiros desse património. O país deles era outro. Pior ainda: eles não gostavam deste outra nação. E ainda mais grave: sentiam vergonha de a ela estarem ligados. A verdade é simples: esses jovens estão mais à vontade diante de um vídeoclip de Michael Jackson do que no quintal de um camponês moçambicano (PT, p. 9).

A elite que se modelou a partir dos paradigmas ocidentais afastou-se da fonte cultural de seus ancestrais, empobrecendo o florescimento da criatividade cultural. Eles negaram os conhecimentos que provinham do campo, por serem relacionados a indivíduos iletrados e fiéis aos preceitos da tradição. Contudo, não se pode negar a sabedoria existente neste ambiente rural que perpassa as áreas da agricultura e da saúde, adquirida através da experiência e da prática. Estes conhecimentos foram transmitidos na formação de sacerdotes e feiticeiros por todo o continente (TSHIBANGU, 2010, p. 610-611).

(...) quando na década de sessenta a maioria dos países africanos obtém as independências, inicia-se nas então colônias da Guiné, Angola e Moçambique a guerra colonial, e um processo de desenvolvimento e crescimento urbanos que não teve lugar na maioria dos outros países. Estes dois fenômenos contribuíram e afectaram, ainda mais, a já existente fronteira entre o mundo rural e a cidade, ou se quisermos, entre uma ‘modernização’ forçada e um enfraquecimento das ligações com o mundo tradicional rural. Se juntarmos a estas contingências históricas as guerras civis que tiveram lugar no pós-independência, verifica-se que a relação das cidades com o mundo clânico e do interior, onde as tradições orais mais vivamente se mantêm, foi sendo cada vez mais perturbada e alterada (LEITE, 1998, p. 31).

A África quer ser vista pelo mundo de maneira igual, com respeito ao seu direito à modernidade, no entanto continua a se enxergar com as lentes do outro, que exige dela uma essência inexistente, pelo menos no que diz respeito à pureza. A hibridização cultural é uma realidade e deve ser encarada como uma característica positiva.

5 A ÁFRICA ENXERGA O MUNDO

Para Mia Couto, os africanos enxergam-se como vítimas, colocando a culpa sempre nos outros, que destruíram a sua cultura. No entanto, segundo o autor, esse pensamento é falso, visto que a interferência de fora teve apoio de alguns nativos. O processo de culpabilização traz problemas no sentido de se idealizar o passado, utilizando o papel de vítima como forma de justificar a falta de desenvolvimento e de recursos. Essa visão é característica das elites e do governo africanos, que usam esse artifício para encobrir os verdadeiros culpados, principalmente aqueles que enriqueceram as custas do tráfico de escravos, por exemplo.

Nós já conhecemos este discurso. A culpa já foi da guerra, do colonialismo, do imperialismo, do apartheid, enfim, de tudo e de todos. Menos nossa. É verdade que os outros tiveram a sua dose de culpa no nosso sofrimento. Mas parte da responsabilidade sempre morou dentro de casa.

Estamos sendo vítimas de um longo processo de desresponsabilização. Essa lavagem de mãos tem sido estimulada por algumas elites africanas que querem permanecer na impunidade. Os culpados estão, à partida, encontrados: são os outros, os da outra etnia, os da outra raça, os da outra geografia (EOFA, p. 32).

Idealizar o passado faz com que exista uma ilusão sobre o período anterior à chegada dos europeus, de que o continente vivia em eterna paz, sem conflitos ou desavenças de qualquer natureza. A situação atual, portanto, seria fruto da interferência externa, que prejudicou o desenvolvimento do continente. Esse pensamento simplista e redutor é um dos aspectos culturais que Mia Couto busca combater. Quando ele fala da culpa, ressaltando que esta não seria somente dos de fora, ele busca lembrar um caráter da sua cultura que legitimou o modelo escravagista.

O colonialismo foi outro desastre cuja dimensão humana não pode ser aligeirada. Mas tal como a escravatura, também na dominação colonial houve mão de dentro. Diversas elites africanas foram coniventes e beneficiárias desse fenômeno histórico (PT, p. 13).

A escravidão já existia no continente, não foi uma invenção europeia. No entanto, ela era distinta da que depois iria se estabelecer em África. Existiam critérios sociais e de parentesco que definiam esse modo de escravidão, presos, devedores e outras camadas da sociedade sofriam com esse flagelo social, mas a relação entre escravo e dono era totalmente diferente da relação que seria estabelecida posteriormente. Os europeus não inventaram a escravidão, mas criaram a comercialização de escravos e, ainda, a coisificação humana, ou

seja, essa ideia de que escravo não poderia ser considerado homem como os outros, de que não possuía alma, isso sim fez parte da cultura ocidental e não da tradição africana.

A eficácia e abrangência do tráfico não seria alcançada se não houvesse cumplicidade das sociedades africanas. De fato, a escravidão, nessas regiões, não era somente o destino dos prisioneiros de guerra, como também dos endividados, dos criminosos, dos filhos ilegítimos, e das mulheres adúlteras ou acusadas de bruxaria. Tais cativos, por sua vez, eram integrados ao grupo familiar senhorial, em condição subordinada e, ao cabo de uma ou de algumas gerações, passavam à condição de livres. Assim, um homem podia ampliar o número de esposas – consequentemente de trabalhadoras agrícolas – via compra de escravas. O filho nascido dessa união perdia a condição de cativo e era incorporado à linhagem paterna (DEL PRIORE, 2004, p. 38).

Mia Couto critica, ainda, o fato de os africanos terem se excluído da construção histórica de seu continente, legando aos outros o papel de contar a história africana. Um caminho proposto por ele para amenizar essa postura vitimizada é através da aceitação da realidade, reconhecendo a pobreza econômica do continente e que esta não ocorreu somente por culpa dos outros, medindo os graus de culpabilização de cada um, aceitando a responsabilidade dos africanos nesta parcela de culpa.

Às vezes pergunto-me: De onde vem a dificuldade em nos pensarmos como sujeitos da História? Vem sobretudo de termos legado sempre aos outros o desenho da nossa própria identidade. Primeiro, os africanos foram negados. O seu território era a ausência, o seu tempo estava fora da História. Depois, os africanos foram estudados como um caso clínico. Agora, são ajudados a sobreviver no quintal da História (EOFA, p. 31-32).

5.1 Uma cobrança pelo exótico

Uma das principais características da cultura africana é o fato de ela ser formada a partir da mistura e da diversidade cultural. Para Mia Couto, os africanos são todos seres de fronteira que possuem uma identidade mestiça e, a partir desta, podem se reinventar.

Hoje algumas das perguntas possíveis poderão ser: sou um branco moçambicano ou um moçambicano branco? Sou um indiano africano ou um africano indiano? Sou um muçulmano moçambicano ou vice-versa? Parece a mesma coisa mas nem sempre o é. Podemos ser diversas coisas. O erro é quando queremos ser apenas uma. O erro é quando queremos negar que somos diversas coisas ao mesmo tempo (PT, p. 87).

Assim como muitos africanos acreditam ser a tradição a culpada do seu fracasso, outros, em contrapartida, creem na busca da essência africana, em que necessitam resgatar o orgulho através da purificação cultural. No entanto, pensar assim nada mais é do que

reproduzir o pensamento do colonizador, pois a “africanidade” que muitos desejam não existe pelo menos não da maneira como tentam formar, ela existe sim a partir da aceitação das misturas e mestiçagens culturais e étnicas.

Entre o convite ao esquecimento da Europa e o sonho de ser americano a saída só pode ser vista como um passo para a frente. Os intelectuais africanos não têm que se envergonhar da sua apetência para a mestiçagem. Eles não necessitam de corresponder à imagem que os mitos europeus fizeram deles. Não carecem de artifícios nem de fetiches para serem africanos. Eles são africanos assim mesmo como são, urbanos de alma mista e mesclada, porque África tem direito pleno à modernidade, tem direito a assumir as mestiçagens que ela própria iniciou e que a tornam mais diversa e, por isso, mais rica (PT, p. 61).

Ser diferente hoje é carregar um fardo muito pesado, já que o mundo possui um modelo, um paradigma a ser seguido. Mia Couto trata de tal assunto em seus textos de opinião, ele analisa a influência da cultura ocidental e a forma como a África recebe esse pensamento. A tentação de ser como o outro passa a ser muito grande, visto que este outro também é idealizado. O imediatismo move o mundo hoje, logo, aquilo que é considerado fora do padrão, do paradigma social e econômico sofrerá com a exclusão das relações comerciais e culturais do mundo. No entanto, o questionamento parte do princípio de que se faz necessário adequar-se aos moldes exigidos, não se pensa em modificar tais moldes para adequá-los à realidade. O outro é sempre superior na sua sabedoria, ignora-se o saber distinto daquele que está como formador do pensamento ocidental. A África enfrenta essa questão ainda com o sentimento de inferioridade, percebendo a modernidade somente como sendo tecnológica. O avanço nessa área faz dela a solução para problemas que são de cunho cultural e social e não tecnológico.

Preocupa-me a maneira como estamos cedendo à tentação de olhar a tecnologia como solução global para os nossos múltiplos males. Muitos de nós acreditamos que é a técnica que nos vai salvar da miséria. Essa crença nos deixa vulneráveis a uns tantos vendedores de produtos mágicos.

(...)

Desconheço por que motivo queremos tanto ser como ‘eles’ e não como nós mesmos, seguindo caminhos nossos para destinos que nós próprios inventamos. O que nos separa da riqueza são, sobretudo, questões de natureza não técnica. São atitudes, vontades, uma determinação política e uma postura do domínio da cultura. Digitalizar não nos converte em seres modernos. Encostar a orelha num telemóvel não nos torna produtores de coisa nenhuma. Caso não venhamos a exercer alguma soberania em actos que, afinal, são de cultura, entramos nesse universo a que chamamos sociedade digital como um mercado menor, um pequeno parceiro da periferia (PT, p. 65-66).

Mia Couto ressalta sempre em seus textos a importância de enxergar os fenômenos culturais em movimento, deixando a visão exótica e folclórica dos antropólogos que vão à África registrar as culturas tidas como essencializadas. Os escritores africanos sentem essa cobrança sempre que são postos à prova da “africanidade”, no entanto eles estão se libertando dessa

visão simplista externa e colocando-se como escritores, simplesmente, como qualquer outro no mundo (PT, p. 24). O olhar exótico do outro e a cobrança por uma postura tipicamente africana desestimulam os africanos a aceitarem-se com suas diversidades. Ou são exóticos à maneira que se espera deles, ou não podem ser considerados. Esse pensamento impossibilita que eles possam exercer seus papéis sociais do modo que desejam, visto que eles acabam acreditando nessa visão de fora e passam a buscar o que o mundo lhes exige.

As definições apressadas da africanidade assentam numa base exótica, como se os africanos fossem particularmente diferentes dos outros, ou como se as suas diferenças fossem o resultado de um dado de essência. A África não pode ser reduzida a uma entidade simples, fácil de entender. O nosso continente é feito de profunda diversidade e de complexas mestiçagens. Longas e irreversíveis misturas de culturas moldaram um mosaico de diferenças que são um dos mais valiosos patrimónios do nosso continente. Quando mencionamos essas mestiçagens falamos com algum receio, como se o produto híbrido fosse qualquer coisa menos pura. Mas não existe pureza quando se fala da espécie humana. Não há economia actual que não se alicerce em trocas. Pois não há cultura humana que não se fundamente em profundas trocas de alma (PT, p. 19).

6 O MUNDO ENXERGA A ÁFRICA

O continente africano sofre com os estereótipos que se espalham pelo mundo a seu respeito. Poucas pessoas sabem que se produz literatura, por exemplo, em África e isso prejudica o desenvolvimento da nação, visto que são sempre considerados inferiores e poucas vezes são reconhecidos por suas ideias e sua produção cultural.

O excesso de imagens dos dramas de África teve um efeito perverso: o continente deixou de ser visível. Perdeu visibilidade porque tudo parece estar já visto. Aos olhos do resto do mundo, África (ou uma parte dela) deixou de existir. Do mapa cor-de-rosa se passou ao monocromático mapa do desespero (COUTO, *Via Atlântica*, p. 194).

O mundo deseja uma pureza africana que não existe, um retorno ao passado de seus ancestrais, que resgataria essa autenticidade, enquanto outros teóricos pretendem ressaltar a incapacidade do continente de caminhar com as próprias pernas. Reduzem-na a uma visão distorcida e folclorizada, principalmente com relação a seu aspecto físico e geográfico, transformando-a em um documentário sobre savana e feitiçaria.

Esse olhar piedoso reflete a conjuntura social em que o continente africano encontra-se inserido, Mia Couto não está negando a real situação da África, muito menos menosprezando as ajudas que são dadas para o combate a problemas de várias ordens, contudo, o autor mostra que toda essa situação seria um reflexo do período colonialista e das políticas adotadas no pós-independência.

6.1 Preconceito literário

A literatura africana, em particular a que não é escrita em inglês, sofre muitos preconceitos. Mia Couto vê na capacidade de produzir diversidade a riqueza cultural de qualquer povo, porém, esta diversidade está sendo negada em nome da sociedade capitalista e imediatista. A África, por não ser uma potência comercial, nem de venda e nem de compra, é deixada de lado pelas grandes potências econômicas e políticas mundiais, e isso traz consequências inclusive na disseminação da cultura e da literatura do continente, caindo mais uma vez na visão exótica que o mundo possui com relação à África.

Defensores da pureza africana multiplicam esforços para encontrar essa essência. Alguns vão garimpando no passado. Outros tentam localizar o autenticamente africano na tradição rural. Como se a modernidade que os africanos estão inventando nas zonas urbanas não fosse ela própria igualmente africana. Essa visão restrita e restritiva do que é genuíno é, possivelmente, uma das principais causas para explicar a desconfiança com que é olhada a literatura produzida em África. A literatura está do lado da modernidade. E nós perdemos 'identidade' se atravessamos a fronteira do tradicional: é isso que dizem os preconceitos dos caçadores da virgindade étnica e racial (PT, p. 60).

Essa exigência de africanidade foi uma postura que nasceu na Europa e disseminou-se para o restante do mundo, e ela reflete na aceitação da literatura produzida em África, o escritor de tal literatura passa por um crivo em que necessita reafirmar sua identidade para que o mundo aceite o valor de sua obra. Exige-se do escritor africano provas de autenticidade, situação por que os europeus, por exemplo, não passam. Mia Couto questiona essa atitude, e nos diz que “isso acontece porque se continua a pensar a produção destes africanos como algo do domínio antropológico ou etnográfico”, deixando em segundo plano o caráter literário das obras (PT, p. 60).

De facto, a obsessão de classificar o que é e não é 'africano' nasce na Europa. Por essa preocupação caminharam a etnografia e a antropologia, disciplinas que, até recentemente, procuravam identificar essências em lugar de processos. Os descobridores de identidades pareciam-se com os navegadores do século XVI: ansiosos, uns, por baptizar territórios que, afinal, já há muito estavam baptizados; outros, apressados em nomear categorias populacionais cujos contornos nem mesmo eles conheciam: as tribos, as etnias, os clãs. Pense-se, por exemplo, na produção cultural dos africanos. Em lugar de valorizar a diversidade dessa produção e olhar o livro como produto cultural substitui-se a apreciação literária por uma visão mais ou menos etnográfica. A pergunta é – quanto esse autor é 'autenticamente africano'? ninguém sabe exatamente o que é ser 'autenticamente africano'. mas o livro e o autor necessitam ainda de passar por essa prova de identidade. Ou de uma certa ideia de identidade (PT, p. 62-63).

Existe, ainda, outra questão que interfere na disseminação da literatura, relacionada à visão de unidade do continente africano, Ana Mafalda Leite alerta para o fato de que é muito prejudicial abordar a literatura produzida no continente como um bloco único, ignorando as especificidades que são inerentes às culturas que se desenvolveram de acordo com moldes estéticos e linguísticos estabelecidos pelo colonialismo. Não analisar as distintividades regionais caracteriza em um erro que conduz a elaborações teóricas equivocadas (LEITE, 1998, p. 27).

Cada literatura nacional africana tem as suas características próprias e desenvolve-se segundo moldes estéticos e linguísticos, cuja distintividade resulta não só das diferenças culturais étnicas de base, mas também das diferenças linguístico-culturais que a colonização lhes acrescentou. É praticamente insustentável qualquer generalização que conduza a elaborações teóricas que não levem em linha de conta as especificidades regionais e nacionais africanas (LEITE, 1998, p. 27).

O mundo olha para o continente e enxerga somente fome, miséria, pobreza e doença ignorando as conquistas e a luta de um povo que sofreu muito com o colonialismo, se parte do princípio de que a África jamais será desenvolvida e que a invasão europeia foi uma solução e não um problema. Muitos atletas africanos, por exemplo, possuem visibilidade perante as dificuldades enfrentadas por estes, já que para ser um campeão, eles precisam de mais disciplina, visto que não possuem os recursos que o restante do mundo tem. No entanto, se pensarmos na produção literária, que em qualquer lugar do mundo é incentivada com bem menos força que o esporte, porque não olhar para a literatura produzida no continente africano como se olha para aqueles atletas que passam por inúmeros sacrifícios para atingirem seus objetivos?

7 A OBRA *UM RIO CHAMADO TEMPO, UMA CASA CHAMADA TERRA* COMO METÁFORA DA CONDIÇÃO CULTURAL AFRICANA

A condição de fronteira de Mia Couto está visivelmente inserida em suas obras, as personagens metaforizam a construção cultural africana e, na obra aqui em questão, é Mariano quem vai conectar dois mundos que estão muito distantes um do outro: o urbano e o rural. Em entrevista⁷ realizada em 2003, o autor nos diz que neste livro estão presentes ambos os universos e, principalmente, o estranhamento cultural que existe entre eles.

A obra conta a história do jovem Mariano, estudante, morando na cidade, que retorna à ilha de Luar-do-Chão, sua terra natal, para o funeral de seu avô Dito Mariano. Ao chegar, Mariano entra em contato com mistérios e intrigas que envolvem sua família, além de descobrir que seu avô encontra-se em um estado de quase-morte, situação que extrapola os conhecimentos da ciência e do homem. Muitos fatos vão envolvendo o neto de Dito Mariano nas raízes da família e da terra, resgatando a conexão perdida entre Mariano e Luar-do-Chão.

As narrativas moçambicanas e angolanas têm abordado com frequência questões como o lugar da tradição na construção cultural africana, o valor dos idosos e a sobrevivência dos mitos que a eles estão ligados, a formação e a construção da nação, todos estes aspectos aliados à sociedade moderna (LEITE, 1998, p. 69).

7.1. A representação do espaço

A história narrada se passa em uma ilha chamada Luar-do-Chão, um lugar pequeno composto de zona rural e zona urbana. A ilha é cortada por um rio, o Madzimi, que distancia as duas zonas. A parte rural permanece geograficamente intacta, sem grandes mudanças, já a parte urbana está em constante movimento, com o crescimento e a expansão da cidade. Estes mundos não se comunicam e a separação ressalta-se pela presença do rio. As fronteiras criadas a partir deste podem ser caracterizadas não só como fronteiras geográficas, mas também como fronteiras culturais.

Nenhum país é tão pequeno como o nosso. Nele só existem dois lugares: a cidade e a ilha. A separá-los, apenas um rio. Aquelas águas, porém, afastam mais que a sua própria distância. Entre um e outro lado reside um infinito. São duas nações, mais

⁷ Entrevista publicada na revista *Via Atlântica*, nº 8, Dez/ 2005.

longínquas que planetas. Somos um povo, sim, mas de duas gentes, duas almas (URUC, p. 18).

O ambiente urbano representa a modernidade, a ocidentalização que ocorreu na África após o colonialismo, já o ambiente rural expõe o lugar da tradição, da oralidade, da África que, apesar de ter sofrido com os desmandos do tempo colonial e da influência do cristianismo, não se distanciou de seus ancestrais. Mia Couto representou seu mundo como uma ilha, possibilitando inúmeras visões e percepções a respeito da condição africana, como nos diz Ana Mafalda Leite:

(...) outras questões se nos colocam perante a opção que os autores fazem de tornar grandes ínsulas seus países continentais. Penso que a escolha (involuntária?) deste processo temático da insularização permite problematizar outros temas, como a ideia de nação, de cultura, a destruição e desagregação dos laços clânicos e do equilíbrio do interior, resultantes, em especial, dos efeitos da guerra civil, que alastrou, e ainda alastra, com seus resquícios de banditismo e corrupção, por estes países (LEITE, 1998, p. 69).

A autora ainda retrata a presença da “fronteira líquida”, que permite a possibilidade de repensar o choque cultural estabelecido a partir da discrepância cultural, existente entre os dois lados do rio. O espaço geográfico consiste em um importante aspecto a ser analisado na obra, visto que ele tem tanta importância quanto suas personagens.

A recriação do continente africano por Mia Couto através do espaço da ilha de Luando-Chão pode ser encarada como uma reorganização do mundo, em que podemos pensá-lo e vê-lo de maneira mais profunda. A casa onde vive a família dos Marianos é um local considerado sagrado, por ser o elo que une a família, além de Dito Mariano que acabara de morrer. Marianinho recebe da sua avó, Dulcineusa, as chaves da casa, são chaves antigas de portas que já nem existem mais, porém, elas simbolizam a casa e recebê-las fez com que Mariano passasse a ser o guardião da casa e de sua existência. O jovem representa na obra o elo entre o mundo moderno e o mundo da tradição, visto que ele transita pelos dois, ter as chaves da casa significa que este jovem que possui uma educação distinta da do povo, é aquele que tem a possibilidade de mudar o mundo unificando os dois universos em questão. A igreja também está retratada na obra como uma instituição importante, mas esta é cristã, e sua estrutura física, reflete a estrutura colonial e as distinções entre o espaço do nativo e o espaço do colonizador, do europeu. Enquanto a vila vai se deteriorando, por falta de recursos, a igreja está pintada e decorada, o que é da terra vai se perdendo, ao mesmo tempo que a cultura ocidental cresce e se dissemina.

A terra faz parte da narrativa, tanto que ela possui vontade e toma a ação para si. Na tentativa de enterrar Dito Mariano, a família prepara a cerimônia, contudo, quando o coveiro tenta cavar o chão não consegue, a terra fechou-se, estava farta dos maus tratos que já sofrera, além disso, Dito Mariano ainda precisa realizar um último feito para realmente morrer e esperar que a terra o receba: contar seus segredos.

Esta terra começou a morrer no momento em que começamos a querer ser outros, de outra existência, de outro lugar. Luar-do-Chão morreu quando os que a governam deixaram de a amar. Mas a terra não morre, nem o rio se suspende. Deixe, o chão voltará a abrir quando eu entrar sereno na minha morte (URUC, p. 195).

7.2 *As cartas do ancião*

Dito Mariano estava, como disse o médico da ilha Doutor Amílcar Mascarenha, tecnicamente morto, em um estado cataléptico não conseguindo dizer se o suposto falecido poderia sair daquela situação. O velório foi preparado e todos os familiares foram para a casa, que era chamada de Nyumba-Kaya. Uma das tradições fúnebres da ilha é a de retirar o telhado da casa durante o velório, o narrador explica que o estado de luto ordena “que o céu se adentre nos compartimentos, para limpeza das cósmicas sujidades” (URUC, p.28).

Marianinho, ao ver seu avô deitado, sente ao dar-se conta de que nunca mais escutaria seu velho avô contar histórias, dizendo que estas eram “um laço de orgulho nas raízes mais antigas”. Lembrou, ainda, do momento em que fora mandado para a cidade, em função da morte de sua mãe, Mariavilhosa. Seu avô, que nunca havia chorado, explicou o porquê de sua tristeza com as seguintes palavras: “Quando voltares, a casa já não te reconhecerá”, pois ele dizia que “quem parte de um lugar tão pequeno, mesmo que volte, nunca retorna”, Dito Mariano temia as mudanças que a cidade poderia fazer em seu neto.

Em pouco tempo, o jovem Mariano começa a receber cartas anônimas, alertando para as dificuldades que viriam e pedindo total sigilo desta correspondência.

Ainda bem que chegou, Mariano. Você vai enfrentar desafios maiores que as suas forças. Aprenderá como se diz aqui: cada homem é todos os outros. Esses outros não são apenas os vivos. São também os já transferidos, os nossos mortos. Os vivos são vozes, os outros são ecos. Você está entrando em sua casa, deixe que a casa vá entrando dentro de si.

Sempre que for o caso, escreverei algo para si. Faça de conta são cartas que nunca antes lhe escrevi. Leia mas não mostre nem conte a ninguém (URUC, p.56).⁸

A segunda carta não demorou a chegar, e ela dizia o que realmente Mariano estava fazendo na ilha. A carta inicia dizendo que elas não são escritas, mas sim falas. A real função do jovem

⁸ Esta é a primeira carta enviada a Marianinho.

seria a de colocar o mundo de Luar-do-Chão no seu devido lugar. Quem escreve as cartas diz que ambos trabalharão juntos, enquanto um dá voz, o outro, Mariano, dá a escritura para, juntos, salvarem a ilha. Nesta carta, o autor já nos traz os traços da oralidade que estão presentes na obra e na cultura que está sendo representada.

A partir da terceira carta, pelo fato de Mariano ter contado para sua avó que as recebia, as cartas passaram a desaparecer, seja queimadas ou molhadas, sempre acontecia algo para destruí-las. A família está enfrentando um desafio, o enterro do patriarca, que ainda não foi enterrado, Mariano, então, recebe uma nova carta solicitando que não seja feito o enterro, para que ele possa completar a sua verdadeira missão. Nesta carta existe uma referência explícita sobre a conexão existente entre a oralidade e a escrita e o escritor da carta revela que o uso da tradição já não é possível, necessitando um novo caminho para disseminar os saberes:

Estas cartas são o modo de lhe ensinar o que você deve saber. Neste caso, não posso usar os métodos da tradição: você já está longe dos Malilanes e seus xicumbos.[antepassados]. A escrita é a ponte os nossos e os seus espíritos. Uma primeira ponte entre os Malilanes e os Marianos (URUC, p. 126).

O autor já havia se revelado, quem escrevia as cartas era Marianinho, porém a voz que falava era a de Dito Mariano. Com o ocorrido em seu enterro, o avô resolve contar a Marianinho seu segredo, que foi o verdadeiro motivo de fechamento da terra, ele não poderia morrer sem que o jovem Mariano soubesse de toda a verdade: seu verdadeiro pai era ele, Dito Mariano, e sua mãe era sua tia Admirança. Aqui, podemos analisar um aspecto da cultura africana a respeito da mentira, a palavra é sagrada, então mentir possui muito peso. A terra não permitiria que adentrasse nela alguém com tamanho peso em sua consciência. Mentir vai contra os rituais africanos, já que tais rituais servem para restabelecer a ordem e a harmonia entre os planos material e espiritual, a palavra não deve ser manipulada (BÂ, 2010, p. 177). Em sua última carta, Dito Mariano despede-se do neto/ filho, aliviado de ter desatado os laços da mentira e com a certeza de que estará para sempre vivo na memória de Marianinho, garantindo a sua eternidade e a sua ancestralidade. Ana Mafalda Leite fala da importância do ato de contar, não contar acaba por matar uma arte, um processo de transmissão, de passagem do legado oral para a próxima geração (LEITE, 1998, p. 71).

7.3. O encontro da tradição com a modernidade

O jovem Mariano entra em contato com a tradição africana antes mesmo de chegar à ilha. No barco que atravessa o rio, ele tem um encontro com Miserinha, velha gorda que puxa

assunto com Marianinho. Ela carrega um lenço colorido que ganhou na cidade e que encantou o rapaz pela beleza. Miserinha joga o lenço ao rio, pois ela diz que este está “tristonho” como ela nunca vira, e diz que fez isso “para que as águas se recordassem da alegria e fluíssem divinas graças”. Tais graças desejadas pela senhora tem relação direta com Marianinho, pois a velha afirma que o jovem precisará de muita proteção. Miserinha, ainda no barco, comenta com Mariano a tristeza de Abstinêncio, tio de Mariano que foi até a cidade avisá-lo da morte do avô, ela mede essa tristeza pela maneira como o homem pisa o chão, e diz a Mariano o seguinte: “Você lê o livro, eu leio o chão.” Esse conhecimento popular que caracteriza a personagem de Miserinha, que é tida pelos moradores da ilha como uma feiticeira, tem muito valor para o autor, pois, como já foi dito anteriormente, o conhecimento não é somente aquele ligado à ciência, ele também está no povo e em seus saberes.

A chegada de Mariano e Abstinêncio na ilha é marcada por um ritual em que os que chegam a terra devem ajoelhar-se e desenhar um círculo à sua volta e esperar que as águas apaguem tal círculo, enquanto os que já estão nela aguardam de braços dados. Abstinêncio, quando uma onda apaga o seu desenho, profere as seguintes palavras: “o homem trança, o rio destrança”. Só após o ritual, Marianinho pôde levantar-se e cumprimentar a família que há tanto tempo não via. O narrador, neste momento, fala sobre as tradições explicando sobre o ritual de chegada: “Nada demora mais que as cortesias africanas. Saúdam-se os presentes, os idos, os chegados. Para que nunca haja ausentes”.

A família dos Malilane, ou Mariano, de acordo com o aportuguesamento, é composta por Dito Mariano, o patriarca, sua esposa Dulcineusa, seus três filhos Abstinêncio, Fulano Malta e Últmio, sua cunhada Admirança e seu neto Marianinho. Fulano Malta, pai do jovem Mariano, um homem desiludido com a vida, está totalmente enraizado em sua terra. Últmio é o filho mais novo de Dito Mariano, político corrupto da cidade. Estes dois irmãos estão sempre em conflito um com o outro e o narrador, o jovem Mariano, os apresenta da seguinte forma:

Meu pai, por exemplo, tinha a alma à flor da pele. Já fora guerrilheiro, revolucionário, oposto à injustiça colonial. Mesmo internado na Ilha, nos meandros do rio Madzimi, meu velho Fulano Malta transpirava o coração em cada gesto. Já meu tio Últmio, o mais novo dos três, muito se dava a exibir, alteado e sonoro, pelas ruas da capital. Não frequentara mais a sua ilha natal, ocupado entre os poderes e seus corredores. Nenhum dos irmãos se dava, cada um em individual conformidade (URUC, p. 16).

Fulano Malta retrata o africano anticolonialista, que lutou pela libertação de seu país, acreditando em uma mudança social que beneficiasse seu povo, mas que, ao perceber que a

injustiça só havia mudado de mãos, acaba desiludido com seu mundo. Já Últmio representa o africano assimilado, que aceitou o colonialismo e partilhou da sua concepção, ele tem uma cultura ocidentalizada, vive no meio urbano e olha para sua terra como um local atrasado, que precisa da modernidade para desenvolver-se. Fulano Malta revoltou-se com o irmão porque este, apesar de toda riqueza e ostentação, nunca fora capaz de ajudar os seus familiares ou a sua terra.

Quando Mariano e seus familiares estão indo para a casa, veem um carro luxuoso atolado num areal e se perguntam quem iria com aquele carro para um lugar onde não há estradas, em seguida percebem que pertence a Últmio. Este se vangloria de possuir o automóvel e resalta o fato de ser o único no país a possuir tal modelo. Últmio foi para a ilha em função do funeral de seu pai, no entanto, percebe-se ao longo da narrativa que sua intenção era somente a de convencer seus familiares a vender as terras e a casa da família, pois ele tinha planos turísticos para o local.

Abstinência, tio de Marianinho, também alimentava uma certa amargura contra seu irmão da cidade. A história daquele é de desilusão com a vida, assim como Fulano, no entanto, ele resolveu isolar-se para não acompanhar a morte de sua terra, local que ele muito amava. Quem conta para o jovem Mariano sobre seu tio é o médico Amílcar Mascarenha, um indiano que vive há bastante tempo na ilha. Ele explica para Mariano que a maior dor de seu tio não é ver a pobreza de seu povo, mas perceber a “indiferença dos poderosos para com a miséria de seus irmãos”. Últmio engloba o africano que esqueceu de seu povo, ele deseja acabar com a ilha entregando-a aos desígnios da modernidade e não aceita que o jovem Mariano se oponha a tal propósito, visto que é um estudante que teve total contato com a cidade, com o mundo desenvolvido, com a cultura ocidental.

A obra de Mía Couto nos mostra os caminhos pensados pelo autor para que a África se desenvolva, alertando para os problemas que hoje são um obstáculo cultural e político. Tais problemas estão relacionados à autoestima do povo africano e à arrogância ocidental, que se julga superior à cultura tradicional. Suas personagens percorrem os caminhos que o autor aponta, em seus textos de opinião, como os grandes problemas africanos, assim como reflete na figura de Marianinho a solução para um novo nascimento cultural que agrega os universos urbano e rural, perpetuando os conhecimentos ancestrais, ao mesmo tempo em que os atualiza. A escrita representa esse caminho atualizado, para que os saberes da oralidade não se percam, a escrita deve ser utilizada como uma ferramenta para perpetuar essa cultura que foi por tanto tempo renegada.

8. UM DIÁLOGO ENTRE AS CULTURAS BRASILEIRA E AFRICANA

A escravidão trouxe para o Brasil muito da cultura africana, principalmente a sua religiosidade. A religião africana possui muitos adeptos por aqui, sendo uma das com maior número de fiéis. Desconsiderar tal fato é ignorar toda a influência que essa cultura tem no modo de vida do brasileiro, na formação identitária do país.

Não é menos verdade que, relativamente a muitos africanos e na qualidade de corpus de ideias religiosas, a religião africana tenha adquirido um valor autônomo próprio. É paradoxal a constatação, segundo a qual, enquanto os africanos formados à moda ocidental abandonavam a religião tradicional, sem sequer conhecê-la, por outro lado e com maior ênfase no Novo Mundo, em Cuba, no Brasil, no Haiti e alhures, muitos escolhiam-na, deliberada e preferencialmente ao cristianismo e ao islã, em razão das suas profundas qualidades espirituais (TSHIBANGU, 2010, p. 611).

Mia Couto também enxerga essa proximidade e percebe muitas semelhanças na construção da identidade brasileira com a africana. Ele compara seu país, Moçambique, ao Brasil, tratando da diversidade cultural existente em ambos.

Moçambique e Brasil são países que encerram dentro de si contrastes profundos. Não se trata apenas de distanciamento de níveis de riqueza, mas de culturas, de universos, de discursos tão diversos que não parecem caber numa mesma identidade nacional (EOFA, p. 118).

Para o autor, esse foi um dos aspectos determinantes para que a literatura brasileira obtivesse tanta influência na construção da literatura africana de língua portuguesa. O maior exemplo seria Guimarães Rosa, visto que sua literatura traz a mestiçagem de sentidos, ressaltando as diferenças culturais existentes no Brasil (COUTO, 2006). Para Mia Couto, o sertão brasileiro pode ser comparado à savana moçambicana. A questão da identidade também é outro ponto de encontro, pois a diversidade cultural provoca essa crise identitária, é difícil enxergar o Brasil como uma unidade, assim como ocorre na África.

Outra característica que Mia Couto ressalta é o fato de ambas as culturas possuírem um sentimento de inferioridade. O Brasil também sente que não tem capacidade de produzir conhecimentos, importando sempre do outro os modelos sociais e culturais. A visão que o outro tem de nós é folclorizada e a aceitamos como uma verdade absoluta.

Infelizmente olhamo-nos mais como consumidores do que como produtores. A ideia de que África pode produzir arte, ciência e pensamento é estranha mesmo para muitos africanos. Até aqui o continente produziu recursos naturais e força laboral. Produziu futebolistas, dançarinos, artesãos. Tudo isso se aceita, tudo isso reside no domínio daquilo que se entende como 'natureza'. Mas já poucos aceitarão que os

africanos possam ser produtores de ideias, de ética e de modernidade. Não é preciso que os outros desacreditem. Nós próprios nos encarregamos dessa descrença (EOFA, p. 36).

A característica de Terceiro Mundo também nos aproxima de África, fazendo com que percamos os rumos da diversidade e ocorra a busca pelo apagamento social, passando a sermos imitadores do que vem de fora. Sempre houve no Brasil a ideia de que o produto importado é melhor do que o nacional. Porém, tal conceito não existe somente com relação ao mercado consumidor, existe em todos os aspectos culturais. A música, a produção cinematográfica, a comida, a língua, a ciência. Tudo que se produz aqui acaba sendo desmerecido, em detrimento do que é produzido fora.

O problema parece ser o de que nós próprios – os do Terceiro Mundo – nos conhecemos mal. Mais grave ainda: muitos de nós nos olhamos com os olhos dos outros. Um velho ditado africano avisa: não necessitamos de espelho para olhar o que trazemos no pulso. A visão que temos da nossa História e das nossas dinâmicas não foi por nós construída. Não é nossa. Pedimos emprestado aos outros a lógica que levou à nossa própria exclusão e à mistificação do nosso mundo periférico. Temos que aprender a pensar e sentir de acordo com uma racionalidade que seja nossa e que exprima a nossa individualidade (PT, p. 156).

Pode-se dizer que em África ocorre a mesma situação, no entanto eles lá valorizaram a nossa produção cultural, visto que se identificaram com a cultura que, assim como eles, foi massacrada pelo colonialismo. A literatura brasileira gerou outras possibilidades ao africano que teve como língua imposta o português. Mia Couto revela que os africanos acreditam que falam o português de maneira errada, o que ainda acontece no Brasil, contudo, mesmo que nós não saibamos reconhecer as mudanças de uma língua, eles lá perceberam e viram na escrita brasileira que aqui não se falava exatamente como o português de Portugal. Tal fato não foi encarado como inferior, o que mostra a nossa falta total de autoestima. África soube reconhecer na diversidade linguística aqui existente um aspecto produtivo e positivo da nossa cultura.

Necessitava-se de uma literatura que ajudasse a descoberta e a revelação da terra. Uma vez mais, a poesia brasileira veio em socorro dos moçambicanos. Manuel Bandeira foi talvez o mais importante personagem nesta segunda viagem. Mas Manuel Bandeira não era único. Com ele vinham outros como Mário de Andrade, partilhando uma pátria despatriada, mas todos tinham em comum a procura daquilo a que chamavam o ‘abrasileiramento da linguagem’. Os moçambicanos descobriram nesses escritores e poetas a possibilidade de escrever de um outro modo, mais próximo do sotaque da terra, sem cair na tentação do exotismo (PT, p. 104).

A questão social é outro ponto que pode ser analisado como semelhante entre as duas culturas. As elites que concentram o poder econômico olham com desdém para o restante do povo. Mia Couto fala na diferença entre ricos e endinheirados e diz que Moçambique possui

somente endinheirados. O Brasil está na mesma situação, o autor define rico como aquele que produz, gera empregos e desenvolvimento, já o endinheirado é aquele que somente possui dinheiro, que não corresponde ao sinônimo de riqueza. O dinheiro em si não traz desenvolvimento, até porque a maior parte dele esgota-se em futilidades e ostentações, produzindo somente o empobrecimento da população e do país.

O maior sonho dos nossos novos-ricos é, afinal, muito pequenito: um carro de luxo, umas efémeras cintilâncias. Mas a luxuosa viatura não pode sonhar muito, sacudida pelos buracos das avenidas. O Mercedes e o BMW não podem fazer inteiro uso dos seus brilhos, ocupados que estão em se esquivar entre chapas [transportes semicoletivos] muito convexos e estradas muito côncavas. A existência de estradas boas dependeria de outro tipo de riqueza. Uma riqueza que servisse a cidade. E a riqueza dos nossos novos-ricos nasceu de um movimento contrário: do empobrecimento da cidade e da sociedade (PT, p. 23).

A nossa elite também sonha em ser o outro, suas aspirações são, como diz Mia Couto, distantes da sua origem e da sua condição (COUTO, 2006). A imitação e a assimilação nos transformam em seres improdutivos, papagaios repetindo o discurso alheio. Renegamos quem somos, tapamos o espelho para não nos enxergarmos realmente. A política brasileira reflete esta imagem que temos de nós mesmos, tomada pela corrupção e pelo descaso como o dinheiro e o patrimônio público. Deveríamos fazer das palavras de Mia Couto às nossas.

Como eu sonhava que Moçambique tivesse ricos de riqueza verdadeira e de proveniência limpa! Ricos que gostassem do seu povo e defendessem o seu país. Ricos que criassem riqueza. Que criassem emprego e desenvolvessem a economia. Que respeitassem as regras do jogo. Numa palavra, ricos que nos enriquecessem (PT, p. 25-26).

Ele retrata também a esperança de mudança, mostra que seu povo também acredita que pode construir um futuro melhor, apesar de estar estagnado na crise identitária gerada pela sua história de construção. Aqui vejo uma nova aproximação com a cultura brasileira, a esperança. Só que essa esperança não deve fazer parte apenas de um sonho, de uma utopia, ela deve ser posta em prática e, para isso, devemos levar nosso país mais a sério, investindo naqueles que um dia poderão melhorar a nossa situação. No entanto, olhamos para estes jovens que construirão o futuro com olhos preconceituosos e desacreditados, encarando-os somente como um fardo, um problema a ser esquecido nas escolas e nas ruas.

A questão é esta: fala-se muito **dos** jovens. Fala-se pouco **com** os jovens. Ou melhor, fala-se com eles quando se convertem num problema. A juventude vive essa condição ambígua, dançando entre a visão romantizada (ela é a seiva da Nação) e uma condição maligna, um ninho de riscos e preocupações (a SIDA, a droga, o desemprego) (EOFA, p. 47, grifos do autor).

Até que ponto tais questões são de interesse somente dos africanos, visto que sua cultura está espalhada por todo o mundo por causa da escravidão. O conhecimento sobre a história do continente africano ainda é tratado como menor, o mundo olha para a África e enxerga fome, doença, savana, folclore, preconceito, piedade, mas poucos realmente conhecem a sua realidade e a sua história. Pode-se dizer que o mesmo acontece ao Brasil, o mundo olha e enxerga caricaturas folclorizadas de uma nação. O Brasil possui proporções continentais e a África é um continente visto como uno, logo, podemos também estabelecer uma relação entre as dimensões e diversidades que ocorrem em ambos. As culturas dentro do Brasil são diversas, assim como na África. Muito da cultura de lá, através de escravos vindos de todo o continente, veio ter aqui um segundo lar.

É de fundamental importância entendermos como, de maneira rica de ensinamentos e esperanças, o ato inicial de barbárie foi fundador de civilização. Em sua acepção primeira, o tráfico foi um movimento – uma forma de deportação – de homens e mulheres portadores de ideias, de valores, de saberes, de religiões e de tradições. Foi precisamente esta cultura em movimento que manteve a força da sobrevivência, da resistência, da adaptação e, enfim, do renascimento de indivíduos arrancados à terra de seus ancestrais. Por sua exclusiva vontade de viver e de criar, a violência absoluta que sofreram acabou por produzir reencontros, fecundações e mestiçagens, que, na misteriosa alquimia da constituição de identidades, deram à luz novas e plurais formas de culturas e de identidades (DEL PRIORE, 2004, p. 3 da introdução).

No entanto, nós, como brasileiros, ainda temos essa mesma visão exótica sobre a cultura africana - exótica no sentido de estranha, inferior - em que sem perceber acaba por refletir a nossa própria visão de nós mesmos, seres inseridos em um mundo globalizado, mas deslocados de nosso papel social e cultural.

Outro ponto em que somos parecidos é o fato de sermos povos que, ao mesmo tempo que possuem uma tradição, um passado, o negamos em detrimento de algo que vem de fora, buscamos parecer com os outros que não fazem parte da nossa história. Estamos sim inseridos nessa sociedade capitalista, no entanto somos obrigados a perceber que algo não está dando certo, visto que ainda nos consideramos inferiores às culturas ditas superiores – como a europeia e a norte-americana. Nós nos olhamos com olhos de piedade, assim como em África.

9. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir da análise da obra de Mia Couto e de seus textos de opinião, pude perceber que a história africana tem muito mais a dizer do que hoje se sabe. A literatura nos ajuda a refletir sobre a realidade e muitos escritores africanos se utilizam desta ferramenta para expor e pensar sobre os conflitos existentes em seu mundo, e a oposição entre o passado e o presente da África tem dominado a temática literária pós-colonial. Essa reflexão que parte dos intelectuais retoma a noção de dignidade e respeito para com a cultura e a história, algo que foi esquecido pelos governos que tomaram o poder e continuaram a agir sob a lógica colonialista.

A luta pela libertação começa pela restauração da cultura pré-colonial: o intelectual nativo descobriu que nela não havia nada no passado para se envergonhar; havia a dignidade, a glória e o respeito. Somente esse fato traz equilíbrio psicoafetivo e uma mudança importante na mentalidade do nativo, já que por uma espécie de lógica perversa, o colonialismo se volta ao passado do povo oprimido, distorcendo-o, desfigurando-o e destruindo-o (BONNICI, 2000, p. 37).

A literatura africana aborda esse sentimento de abandono e de busca pelo que foi perdido ou arrancado com o colonialismo, por isso ela não só tem a finalidade de resgatar o passado como ainda possui o privilégio de fazer pensar sobre o que realmente aconteceu. Só através de uma nova visão dos fatos, de um estudo mais aprofundado sobre a história é que se possibilita modificar o pensamento de um povo.

O conflito existente entre a tradição e a modernidade ocorre no continente africano pelo fato de sua cultura ter sido dominada pela influência do colonialismo até tão pouco tempo. Os colonizadores foram embora, no entanto, deixaram a sua cultura e o seu pensamento redutor de que somente o conhecimento ocidental, baseado na escrita que possui real valor. A tentativa das elites africanas em transformar o continente num lugar globalizado e inserido na sociedade capitalista levou a uma distorção dos conceitos a respeito deles próprios, renegando a sua essência, instalada na oralidade, e menosprezando o povo que ainda vive na tradição. Mia Couto mostra que é possível que dois traços culturais tão distintos como a oralidade e a escrita possam conviver e compartilhar o mesmo espaço. Mesmo tendo bases na oralidade, Moçambique assimilou um traço da cultura ocidental, a escrita, servindo de exemplo para o restante do continente que ainda sofre uma crise identitária. O universo rural apresenta-se como a África genuína com o conhecimento de seus ancestrais e sua forte religiosidade, enquanto que o universo urbano representa o mundo ocidentalizado, o não-

africano, e nas obras de Mia Couto aparece a relação de conflito entre estes dois mundos. Ou seja, rural x urbano, oralidade x escrita, tradição x ciência, atraso x modernidade, sendo essa a forma apresentada pelo autor para refletir a África em sua literatura.

A mais importante linha divisória em Moçambique não é tanto a fronteira que separa analfabetos e alfabetizados, mas a fronteira entre a lógica da escrita e a lógica da oralidade. A absoluta maioria dos 20 milhões de moçambicanos vive e funciona num tipo de racionalidade que tem pouco a ver com o universo urbano. Mas em Moçambique, como no resto do mundo, a lógica da escrita instalou-se com absoluta hegemonia. Nesses casos, pressupostos filosóficos do mundo rural correm o risco de ser excluídos e extintos (EOFA, p. 108).

Mia Couto busca uma solução que abarque a cultura como um todo, ressaltando a diversidade e os saberes que compõem o continente. Porém, ele nos alerta para o problema de espelhar-se em um algo que vem de fora, externo, pois nem sempre esse modelo refletirá quem realmente somos. Deixar de querer ser o outro seria o primeiro passo para a construção de um futuro mais promissor e a aceitação do caráter híbrido da cultura torna-se essencial. A visão que tomou conta do pensamento africano no pós-independência está ainda sendo muito prejudicial ao desenvolvimento do continente, pois acreditar que é melhor ser o outro em detrimento de ser quem eles são, faz com que ocorra estagnação cultural e econômica, os africanos precisam, segundo Mia Couto, assumir o papel de agente da sua própria história, para a reconstrução da nação.

Eu venho falar aqui de um diálogo muito particular a que poucas vezes se faz alusão. Refiro-me à nossa conversa com nossos próprios fantasmas. O tempo trabalhou a nossa alma colectiva por via de três materiais: o passado, o presente e o futuro. Nenhum desses materiais parece estar feito para uso imediato. O passado foi mal embalado e chega-nos deformado, carregado de mitos e preconceitos. O presente vem vestido de roupa emprestada. E o futuro foi encomendado por interesses que nos são alheios.

Não digo nada de novo: o nosso país não é pobre mas foi empobrecido. A minha tese é que o empobrecimento de Moçambique não começa nas razões económicas. O maior empobrecimento provém da falta de ideias, da erosão de criatividade e da ausência de debate produtivo. Mais do que pobres, tornamo-nos inférteis (PT, p. 10-11).

O pensamento ainda colonial por parte das elites e do governo africanos dificulta o desenvolvimento do povo em geral. O descaso com as zonas rurais e com a população agrava a situação africana. Mesmo com a independência, o pensamento colonial ainda apresenta-se dominante, flagelando a nação moçambicana e criando obstáculos ao seu progresso.

O impacto desse sistema educacional inadequado, coxo e mal orientado sobre as sociedades africanas foi profundo e quase permanente. Em primeiro lugar, legou à África um enorme problema de analfabetismo, cuja solução demandará muito tempo. Em segundo lugar, a elite culta que ele criou era uma elite alienada, que

reverenciava a cultura e a civilização europeias e menosprezava a cultura africana (BOAHEN, 2010, p. 941).

Olhar para o continente africano como um bloco único, buscando enxergar um “princípio nostálgico e essencialista”, como diz Ana Mafalda Leite (1998, p. 23), constitui-se em um erro, pois tal visão só aumentaria a distorção que se faz para com a história da África, ignorando as transformações que ocorreram com o passar do tempo e a diversidade cultural existente, nos fazendo pensar se realmente o colonialismo está no passado.

Somos cidadãos da oralidade mas também da escrita. Somos urbanos e rurais. Somos da nação da tradição e da modernidade. Sentamo-nos ao computador e na esteira, sem nos sentirmos estranhos em nenhum dos assentos. E é assim que terá que ser: partilharmos mundos diversos sem que nenhum desses universos conquiste hegemonia sobre os outros (PT, p. 93).

Mia Couto fala em seus textos dos problemas de sua terra, que não é só África, mas Moçambique e a leitura de suas obras pode causar a nós brasileiros um sentimento de semelhança, permitindo certo reconhecimento de emoções e do contexto africano. O que acontece lá em termos sociais e econômicos também acontece aqui. Corrupção, pobreza, elites que concentram o poder, principalmente econômico, educação sucateada, pouco acesso da população às reais oportunidades de desenvolvimento. Tudo isso o Brasil também tem e, se não enfrentou a guerra civil para conquistar sua liberdade, enfrenta batalhas diárias contra o tráfico, a violência e a falta de estrutura social.

As perspectivas que o autor nos traz em suas obras e seus textos de opinião remontam a uma configuração mundial que pode ser ampliada aos países de terceiro mundo, em que estes são ao mesmo tempo centro e periferia. Por mais que se consiga produzir e desenvolver, os países que foram empobrecidos pelas políticas coloniais ainda sofrem com o desprezo das grandes potências, e a África consiste em um grande exemplo, principalmente pela proximidade temporal do colonialismo. A literatura africana foi bastante influenciada pela literatura brasileira, o que fez com que a nossa cultura ficasse ainda mais próxima da cultura africana. Falo, é claro, dos países africanos de língua portuguesa, em que se inclui o autor aqui analisado. Pensar em África também significa pensar em Brasil, no entanto esta reflexão não faz parte ainda da nossa cultura em geral.

A reconstrução cultural africana constitui um processo que vem ocorrendo desde às independências das metrópoles, no qual tenta-se elaborar uma cultura africana que enfrenta o conflito de resgate das tradições e aceitação do modo de vida ocidental. Reconstruir porque se encara o período colonial como sendo uma época de apagamento da história e das características próprias da África e imposição do pensamento e dos valores europeus. No

entanto, Mia Couto nos mostra que houve uma mestiçagem entre os dois povos que não pode ser ignorada, tornando irreal pensar em retornar a um estado cultural anterior à chegada do homem branco, buscando uma pureza africana. Para ele, a africanidade está presente nessa aproximação das duas culturas, em que, hoje, o africano é ao mesmo tempo tradição e modernidade, traz na sua essência aspectos do espaço rural somados ao urbano. Percebe-se no conjunto de obras do autor aqui utilizadas, que ele não considera oposto conhecer e acreditar nos saberes e na religiosidade de seus ancestrais e ver e buscar um mundo moderno baseado na ciência.

Logo, com este estudo pretendeu-se investigar um aspecto da cultura africana através da perspectiva de um de seus maiores escritores, Mia Couto, que também pode ser considerado um pensador sobre a atual situação de seu continente. Assim, retirei de seus textos de opinião as principais ideias a respeito da reconstrução cultural da África a partir da concomitância entre a tradição e a modernidade, com o intuito de analisar os seus diversos olhares: África enxerga a África, África enxerga o Mundo e o Mundo enxerga a África. No primeiro conclui que os africanos se veem como inferiores e atrasados em relação ao mundo ocidental, negando sua tradição; no seguinte percebi que o mundo é visto de maneira idealizada, ao mesmo tempo em que os europeus são culpabilizados pela situação precária africana; já no terceiro a postura de vitimização assumida pelo continente reflete em uma visão de piedade, em que os africanos são vistos de maneira estereotipada e folclorizada. Mia Couto entende que a mestiçagem é um aspecto de imenso valor para a herança cultural, e nesse sentido tal hibridização representa um elemento positivo e necessário para a reconstrução cultural africana que, assim como o Brasil, precisa aceitar a diversidade, característica que constitui a essência de ambos os povos.

REFERÊNCIAS

AFIGBO, Adiele Eberechukuwu. *Repercussões sociais da dominação colonial: novas estruturas sociais*. In: BOAHEN, Albert Adu (edit.). *História Geral da África, VII: África sob dominação colonial, 1880-1935*. Brasília: UNESCO, 2ª Edição, 2010.

ARMSTRONG, Karen. *Breve história do mito*. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

BÂ, Amadou Hampaté. *A tradição viva*. In: KI-ZERBO, Joseph (edit.). *História Geral da África, I: Metodologia e pré-história da África*. Brasília: UNESCO, 2ª Edição.

BOAHEN, Albert Adu. *O colonialismo na África: impacto e significação*. In: BOAHEN, Albert Adu (edit.). *História Geral da África, VII: África sob dominação colonial, 1880-1935*. Brasília: UNESCO, 2ª Edição, 2010.

BONNICI, Thomas. *O pós-colonialismo e a literatura: estratégias de leitura*. Maringá: Editora da Universidade Estadual de Maringá, 2000.

BRANDÃO, Junito de Souza. *Mitologia grega*. Petrópolis: Vozes, 1986.

CHANAIWA, David. *A África Austral*. In: MAZRUI, Ali A. & WONDJI, Christophe (edit.). *História Geral da África, VIII: África desde 1935*. Brasília: UNESCO, 2010.

COUTO, Mia. *Um rio chamado tempo, uma casa chamada terra*. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

_____. *Moçambique – 30 anos de Independência: no passado, o futuro era melhor?*. In: *Via Atlântica*, nº 8, Dez/ 2005.

_____. *Pensamentos : Textos de opinião*. Lisboa: Caminho, 3ª Edição, 2005.

_____. *E se Obama fosse africano? E outras interinvenções*. Lisboa: Caminho, 2009.

DAVIDSON, A. Basil.; ISAACMAN, Allen F. & PÉLISSIER, René. *Política e nacionalismo nas Áfricas central e meridional, 1919-1935*. In: BOAHEN, Albert Adu (edit.). *História Geral*

da África, VII: África sob dominação colonial, 1880-1935. Brasília: UNESCO, 2ª Edição, 2010.

DEL PRIORE, Mary & VENÂNCIO, Renato. *Ancestrais: uma introdução à história da África atlântica*. Rio de Janeiro: Elsevier, 8ª Edição, 2004.

ELIADE, Mircea. *Mito e realidade*. São Paulo: Perspectiva, 2ª Edição, 1986.

LEITE, Ana Mafalda. *Oralidades e Escritas nas Literaturas Africanas*. Lisboa: Edições Colibri, 1998.

MAQUÊA, Vera. *Entrevista com Mia Couto*. In: Via Atlântica, nº8, Dez/ 2005.

M'BOW, M. Amadou – Mahtar. *Prefácio*. In: BOAHEN, Albert Adu (edit.). História Geral da África, VII: África sob dominação colonial, 1880-1935. Brasília: UNESCO, 2ª Edição, 2010.

MOISÉS, Massaud. *A Análise Literária*. São Paulo: Cultrix, 17ª Edição, 2008.

OPOKU, Kofi Asare. *A religião na África durante a época colonial*. In: BOAHEN, Albert Adu (edit.). História Geral da África, VII: África sob dominação colonial, 1880-1935. Brasília: UNESCO, 2ª Edição, 2010.

PEREIRA Jr, Luiz Costa. *A voz de Moçambique*. In: Revista Língua Portuguesa, Ano III, nº 33, Julho de 2008.

SANTOS, Boaventura de Sousa. *A gramática do tempo*. São Paulo: Cortez, 2ª Edição, 2008.

_____. *Um discurso sobre as ciências na transição para uma ciência pós-moderna*. In: Estudos Avançados, São Paulo, v.2, nº2, Aug. 1998.

TSHIBANGU, Tshishiku. *Religião e evolução social*. In: MAZRUI, Ali A. & WONDJI, Christophe (edit.). História Geral da África, VIII: África desde 1935. Brasília: UNESCO, 2010.

TUTIKIAN, Jane. *Velhas identidades novas: o pós-colonialismo e a emergência das nações de língua portuguesa*. Porto Alegre: Editora Sagra Luzzatto, 2006.

VISENTINI, Paulo G. Fagundes. *A África moderna: um continente em mudança (1960 – 2010)*. Porto Alegre: Leitura XXI, 2010.